GUSTAVO RIBEIRO PALMA DO NASCIMENTO

Estudo sobre alterações formais no projeto de carteiras masculinas de bolso
determinadas por diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário no
Brasil do início do século XX aos dias de hoje

São Paulo
2013

Gustavo Ribeiro Palma do Nascimento

Estudo sobre alterações formais no projeto de carteiras masculinas de bolso determinadas por diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário no Brasil do início do século XX aos dias de hoje

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Luís Cláudio Portugal do Nascimento.

Área de concentração: Design e Arquitetura

São Paulo 2013

Dedico este trabalho aos meus pais. A dona Lúcia (*in memoriam*) por criar o ambiente propício ao desenvolvimento da criatividade. Ao seu Heitor, pai e mãe, que ao longo desta minha curta jornada me ensinou que sou responsável pelas minhas escolhas. Obrigado!

Agradeço a Ane, minha esposa, pela paciência, compreensão e apoio ao longo deste interminável e sombrio período de nossas vidas.

Ao meu orientador, Luís Cláudio Portugal, pelo apoio, confiança e pelas palavras duras e sábias que me fizeram persistir nesta fase intensa de doação.

E ainda, a todos que, de alguma forma, contribuíram com algum pedaço deste quebra cabeça, em especial a Cibeles Tarali, Guilherme Tardin, Salete Del Mas e Renato Daracdjian.

Obrigado a todos!

Nome: Gustavo Ribeiro Palma do Nascimento

Título: Estudo sobre alterações formais no projeto de carteiras masculinas de bolso determinadas por diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário no Brasil do início do século XX aos dias de hoje.

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Luís Cláudio Portugal do Nascimento.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

RESUMO

NASCIMENTO, G. R. P. **Estudo sobre alterações formais no projeto de carteiras masculinas de bolso determinadas por diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário no Brasil do início do século XX aos dias de hoje.** 2013. 125 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Para compreender o significado da carteira masculina de bolso e sua importância na história cotidiana humana, fez-se necessário, primeiramente, o resgate pela origem da palavra por meio do estudo etimológico e a busca por sua raiz, bem como seu aparecimento apresentado por uma datação. Para a inserção do objeto de estudo no âmbito do design de produto, apresentando-o como uma resposta as necessidades cotidianas em voga, foram necessárias incursões ao campo da moda, a compreensão de seus conceitos assim como suas áreas de atuação, onde, atualmente, se encontra instalada as raras informações a respeito da carteira masculina. Por fim, o resgate dos padrões monetários brasileiros, compreendendo e analisando-os formalmente, bem como a necessidade de levantamento das formas adquiridas pelo dinheiro monetário e pelos documentos pessoais portados nas carteiras como elementos possíveis de alterações de projeto do artefato deste estudo após o cruzamento de dados com exemplos de carteiras adquiridas ao longo do trabalho.

Palavras-chave: dinheiro, carteira masculina, documentos.

ABSTRACT

NASCIMENTO, G. R. P. Study on changes in the formal design of masculine pocket wallets determined by different acquired shapes of currency in Brazil from the early twentieth century to present days. 2013. 125 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

To understand the significance of the masculine pocket wallet and its importance in day by day human history, it was first necessary to recover the origin of the word through study and the search for its etymological root as well as its appearance presented by a dating. For the insertion of the object of study within the product design, presenting it as a response to everyday needs in vogue, it has been done necessary incursions into the field of fashion, the understanding of its concepts as well as their areas of expertise, where, currently, is installed the scarce information about the men's wallet. Finally, the recovering of Brazilian monetary standards, formally understanding and analyzing them as well as the need for survey the acquired shapes of money and personal documents ported in wallets as possible elements of design changes in the object of this study after matching data with examples of wallets acquired during the this work.

Keywords: money, masculine wallet, documents.

SUMÁRIO

1.	Capítulo 1: caracterização da pesquisa.....	9
1.0.	Introdução a temática deste estudo.....	9
1.1.	Declaração da questão fundamental	14
1.1.1.	Declaração do subproblema 1.....	14
1.1.2.	Declaração do subproblema 2	15
1.1.3.	Declaração do subproblema 3.....	15
1.2.	Indagações exploratórias.....	15
1.3.	Delimitações do estudo.....	15
1.4.	Justificativa.....	16
2.	Capítulo 2: Revisão da literatura.....	17
2.1.	Revisão da literatura do subproblema 1.....	17
2.2.	Revisão da literatura do subproblema 2.....	17
2.3.	Revisão da literatura do subproblema 3.....	18
3.	Capítulo 3: Método de pesquisa.....	19
3.1.	Método de pesquisa para o Subproblema 1.....	19
3.2.	Método de pesquisa para o Subproblema 2.....	19
3.3.	Método de pesquisa para o Subproblema 3.....	20
4.	Capítulo 4: Resultados da pesquisa.....	21
4.1.	Resultados do subproblema 1: universo das carteiras.....	21
4.1.0.	Aspectos históricos.....	21
4.1.0.0.	Introdução.....	21
4.1.0.1.	As origens a partir de diferentes pontos de vista.....	21
4.1.0.2.	Citações históricas a respeito da carteira.....	33
4.2.	Universo do dinheiro monetário brasileiro e de documentos pessoais....	37
4.2.1.	Considerações preliminares.....	37
4.2.2.	A história do dinheiro no Brasil.....	38
4.2.3.	Padrões monetários brasileiros.....	46
4.2.3.1.	Padrão monetário cruzeiro (01.11.1942 a 12.02.1967).....	47
4.2.3.2.	Padrão monetário cruzeiro novo (13.02.1967 a 14.05.1970).....	51
4.2.3.3.	Padrão monetário cruzeiro (15.05.1970 a 27.02.1986).....	54
4.2.3.4.	Padrão monetário cruzado (28.02.1986 a 15.01.1989).....	58
4.2.3.5.	Padrão monetário cruzado novo (16.01.1989 a 15.03.1990).....	61
4.2.3.6.	Padrão monetário cruzeiro (16.03.1990 a 31.07.1993).....	63

4.2.3.7.	Padrão monetário cruzeiro real (01.08.1993 a 30.06.1994).....	65
4.2.3.8.	Padrão monetário real (desde 01.08.1993).....	67
4.2.3.9.	Análise comparativa entre o dinheiro monetário do período apresentado..	71
4.2.4.	Dinheiro monetário na forma de cartão.....	74
4.2.5.	Dinheiro monetário na forma de talão de cheque.....	78
4.2.6.	Documentos pessoais portados em carteiras.....	80
4.2.6.1.	Análise comparativa entre documentos pessoais e cédulas de dinheiro....	92
4.2.6.2.	Modelos de carteiras.....	94
4.2.6.3.	Considerações sobre a carteira, o dinheiro e os documentos.....	98
4.2.7.	Manufatura da carteira.....	102
4.2.7.1	Considerações Preliminares.....	102
4.2.7.2.	O couro.....	102
4.2.7.3.	Etapas de processamento.....	107
4.2.7.3.1.	Etapa de ribeira.....	107
4.2.7.3.2.	Etapa de curtimento.....	108
4.2.7.3.3.	Etapa de acabamento.....	109
4.2.7.4.	Processo de confecção da carteira masculina de bolso.....	110
5.	Capítulo 5: Conclusão.....	113
6.	Capítulo 6: Referências.....	116
6.1.	Referências Bibliográficas.....	116
6.2.	Referências de blogs.....	118
6.3.	Referências de sites.....	118
7.	Capítulo 7: Anexos.....	120
7.1.	Texto com a íntegra da entrevista com a Sra. Salete Del Mas.....	120

Capítulo 1:

Caracterização da pesquisa

1.0. Introdução à temática deste estudo

Em uma busca detalhada por informações acerca do tema, em especial atenção a respeito da abordagem de estudos sobre o objeto deste trabalho, muito pouco material foi encontrado. Informações pertinentes ficam restritas ao campo da moda, em subárea conhecida como acessórios. Outras áreas ao tema, como economia, história e geografia trazem, como objeto central de estudo, o dinheiro.

Esta pesquisa objetiva compreender o significado de carteira masculina de bolso e analisá-la sob uma ótica até então inédita. É explorar um, entre tantos campos do design de produto, ainda pouco estudado e que, certamente, abrirá outros caminhos no âmbito da pesquisa decorrentes de possibilidades não contempladas neste trabalho.

Como se sabe, o dinheiro não é encontrado na natureza. Assim como a linguagem, ele é uma invenção humana¹. Constitui uma nova forma de pensamento e ação que mudou completamente o mundo. Criou uma nova geografia urbana, associado ao surgimento do mercado municipal, dando origem a cidades e metrópoles centralizadas no mercado e não mais nos palácios. Ele é o resultado de uma longa evolução que representa um sistema de valores sociais, econômicos e culturais.²

No início não havia dinheiro monetário, como conhecemos hoje. Para tanto, praticava-se o escambo, que era a simples troca de mercadoria. Algumas delas, pela utilidade, passaram a ser mais procuradas e aceitas por todos, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para atribuir-lhes valor.

¹ Weatherford, 2005 p. 30

² Idem, 2005 p.30

Eram as moedas-mercadorias, ou *commodities*, mercadorias utilizadas como dinheiro. Entre elas, encontravam-se o milho, o gado e o sal.

Desta forma, para entender ou conceituar o sentido da troca de algo ou alguma coisa como movimento monetário, Mises assim descreve:

A moeda é um meio de troca. É o bem mais negociável; as pessoas o desejam porque imaginam utilizá-lo em futuras trocas interpessoais. Moeda é aquilo que é geralmente aceito e comumente usado como meio de troca. É sua função. Todas as outras funções que as pessoas atribuem a moeda são meramente aspectos particulares dessa função primordial e única, a de ser um meio de troca. (2010, p. 469)

Com o passar do tempo, as mercadorias tornaram-se inconvenientes às transações comerciais, seja pelo fato de não serem fracionáveis ou pelo fato de ser perecível, o que impossibilitava o acúmulo de riqueza. Serviam apenas como um meio adequado de troca, mas não cumpriam todas as funções do dinheiro monetário.

Com o advento do metal, alguns inconvenientes foram resolvidos. Tanto o ouro quanto a prata podiam ser divididos em partes maiores e menores, possibilitando seu acúmulo e conversão em algo que pudesse ser utilizado como troca, em qualquer momento, pois ainda conservavam o seu valor. Segundo Weatherford, 2005:

Quando a tecnologia humana e a organização social se desenvolveram ao ponto de usar quantidades padrões de ouro e prata nas trocas, o aparecimento e o uso de pequenas moedas foi uma questão de muito pouco tempo. (p. 29)

O surgimento do papel-moeda é mais recente na nossa história e está relacionado à invenção do papel e também da impressão. Os primeiros

registros sugerem seu uso na China, menção feita à dinastia *T'ang* (618-907) ³, com papel feito com cascas de amoreira, árvores que alimentavam as lagartas da lucrativa indústria chinesa de seda. Com esse novo tipo de dinheiro, que representava o valor do ouro e da prata, o governo nunca teve que se preocupar com a pureza de suas moedas e muito menos com o seu peso.

Essa nova forma do dinheiro, aliado a criação dos bancos pelos Templários no século XII e a sua conseqüente evolução por parte das famílias ricas de Pisa, Florença, Veneza, Verona e Gênova, no séc. XV projetaram o cenário ideal para a segunda revolução monetária. Os italianos ofereciam os mesmos serviços, mas em uma escala bem menor e fora do controle do Estado e da Igreja. Eram conhecidos como Bancos Nacionais, emitindo as primeiras notas, conhecidas como *cambium per letras*,⁴ um antecessor do moderno sistema mundial de papel-moeda.

Apesar de ter sido criado na China, essa nova forma de dinheiro se desenvolveu nas nações comerciais do Atlântico Norte. Monarcas o utilizavam, ocasionalmente, durante períodos de crise, geralmente de guerras. Quase mil anos após a China adotar esse novo sistema, lança-se na Europa, as primeiras notas, pelo Banco de Estocolmo, em Julho de 1661, *para compensar a escassez de moedas de prata*. (Weatherford 2005, p.134)

Para se entender esse novo sistema, é preciso ter em mente que ele é a representação de uma quantidade de ouro e prata, e baseia-se em emprestar contra ganhos futuros e usar esses ganhos no presente. Para isso, esse papel, emitido pelo governo, tem de ser sustentado pelos metais. Essa nova forma de se fazer dinheiro torna-se um problema quando se emite mais papel do que a quantidade de metal que se dispunha. De acordo com Weatherford, *como “colocado uma vez por Goethe sobre esse “estranho novo dinheiro:” uma continuação da alquimia, por outros meios”*. (2005, p. 143)

³ Weatherford, 2005 p. 130

⁴ Cambium per letras que significa “troca por meio de documentos escritos ou notas”.

Weatherford, 2005, p.77

Esse sistema monetário internacional baseado no ouro e na prata funcionou muito bem até a I Guerra Mundial, quando começou a ruir. Houve uma breve tentativa de retomar o padrão ouro no período entre guerras, *mas em 1931, a Grã Bretanha abriu mão de toda e qualquer pretensão de vincular o valor de sua moeda aos depósitos em ouro* (Idem, 2005, p.168).

A partir da II Guerra Mundial, o dólar americano passa a ser a moeda aceita nas transações comerciais. Ele não é nem ouro e nem prata. É simplesmente uma moeda por reconhecimento, sustentado pela ordem do governo e pela fé do povo e nada mais. Atualmente, *somente 3% do dinheiro em circulação são notas e moedas “reais”; o resto não passa de cifras no computador. Mas mesmo o dinheiro vivo já começa a ser substituído por bytes em cartão magnético.* (Boyle, 2005, p.53)

No final do século XX, uma nova forma de dinheiro reduziu de forma significativa a importância do dinheiro em todas as suas formas conhecidas até então, sejam por moedas metálicas, por cédulas ou mesmo talões de cheques. Surgia o dinheiro eletrônico. De acordo com Weatherford, 2005:

O movimento em direção ao dinheiro eletrônico não foi resultado da demanda pública de pessoas que estavam insatisfeitas com as antigas formas de dinheiro. A mudança foi orientada tecnologicamente por empresas que buscavam uma nova forma de ganhar dinheiro (...). (p. 245)

Sua aplicação total se deu após a repentina popularização da internet na segunda metade dos anos 90. Permitiu que as pessoas *solicitassem mercadorias em um catálogo eletrônico e que pagassem por meio eletrônico através dos cartões de crédito.* (Idem 2005, p. 247)

Ainda de acordo com Weatherford sobre o dinheiro:

Todo o conceito de dinheiro assumiu um novo significado. A sua existência assume um tom metafísico semelhante à questão de que uma árvore deva ou não fazer barulho se cair em uma floresta em que ninguém a ouve cair. Os

cartões de crédito, especialmente quando combinados à tecnologia eletrônica, levaram o dinheiro para um novo plano existencial. (2005, p. 247)

Nos dias de hoje, o dinheiro assume a forma de impulsos eletrônicos invisíveis⁵. Não começa e nem termina em lugar algum. Está em constante movimento e já não é mais tangível. É meramente um registro numérico de que certa soma foi registrada em alguma conta bancária. De acordo com a visão de Zschirnt sobre o dinheiro:

Deus e dinheiro têm algo em comum: ambos são símbolos universais. Assim como Deus, o dinheiro pode dotar tudo de sentido. Como portador de símbolos, o dinheiro é quase inesgotável – como Deus. (...) o dinheiro não conhece fronteiras: “o dinheiro governa o mundo”, sem se preocupar com o clima, a cultura, o país ou o gênero, alcançando dessa maneira – como Deus – tudo e todos. (2006, p. 140)

Ao longo da história, o dinheiro ficou cada vez mais abstrato. As primeiras moedas, cunhadas na Lídia, substituíram as formas mais simples do dinheiro primitivo, como conchas, milho, gado e sal. As operações bancárias e o papel moeda debilitaram o uso da moeda e hoje passamos à transição para o que é denominado de dinheiro eletrônico. Como colocado por Weatherford, 2005, “*o dinheiro está mais parecido com Deus: totalmente abstrato e sem existência corpórea.*” (p. 252)

Como apresentado, as formas adquiridas pelo dinheiro monetário ao longo do tempo evoluíram e se adequaram as necessidades humanas. Primeiro as moedas, depois as cédulas de papel que representavam certo valor, os talões de cheque e mais recentemente os cartões de crédito e débito.

No total, nos dias atuais, somos apresentados a essas quatro formas diferentes de dinheiro, praticamente diariamente, sendo essa coexistência recente e, portanto, passível de afirmação quando, ao dizer que uma carteira masculina

⁵ Idem, 2005 p. 252

de bolso do início do século XX certamente não atenderia as mesmas características e funções de outra, confeccionada no final dos anos 90 ou início do século XXI.

Assim posto, as formas adquiridas pelo dinheiro monetário ao longo da história, em suas mais diversas épocas, pressupõem formas diferentes do objeto de estudo, o que indica uma evolução contínua do artefato no que tange tanto à técnica fabril quanto a sua forma final.

Compreender e identificar as formas adquiridas pelo dinheiro monetário ao longo de 2.500 anos de história é fundamental para que se possa oferecer ao objeto deste estudo, sua devida importância histórica, desde o seu surgimento, a ser apresentado posteriormente ao longo deste trabalho, com uma função clara e pré-estabelecida, até sua consolidação como objeto de transporte e proteção do dinheiro monetário no período do recorte deste trabalho.

1.1. Declaração da questão fundamental norteadora

Que aspectos mais notáveis, do ponto de vista histórico, funcional, semiótico e de produção, podem ser identificados no cotejamento entre características formais e físicas de carteira masculina de bolso e características dimensionais, semióticas, materiais e físicas do dinheiro no Brasil a partir do início do século XX?

1.1.1. Declaração do subproblema 1

Que aspectos mais notáveis, do ponto de vista histórico, funcional, semiótico e de produção, podem ser identificados em características formais e físicas de carteiras masculinas de bolso no Brasil?

1.1.2. Declaração do subproblema 2

Quais as características dimensionais, materiais, semióticas e físicas do dinheiro monetário?

1.1.3. Declaração do subproblema 3

Que aspectos mais notáveis, do ponto de vista histórico, funcional, semiótico e de produção, podem ser identificados no cotejamento entre características formais e físicas de carteira masculina de bolso e características dimensionais, semióticas, materiais e físicas do dinheiro no Brasil a partir do início do século XX?

1.2. Indagações exploratórias

Além da questão central deste trabalho, outras indagações exploratórias pertinentes associadas à questão fundamental desta pesquisa seriam, por exemplo:

- Há evoluções formais e de materiais significativos?
- Há relação entre a forma física adquirida pelo dinheiro monetário ao longo do período estudado com o desenho tomado pela carteira?
- Houve alteração significativa no processo de fabricação do objeto ao longo do período estudado?

1.3. Delimitações do estudo

O trabalho apresentado limita-se, primeiramente, a realizar um estudo histórico, colhendo informações nos campos da Moda e da Etimologia com o objetivo claro de compreender o significado da carteira masculina, bem como suas funções históricas e sua evolução como objeto.

Em um segundo momento, identificar o dinheiro monetário no Brasil, seus padrões, tamanhos e formas adquiridas bem como os documentos pessoais portados nas carteiras masculinas, do início do século XX aos dias de hoje, confrontando estes dados com informações a respeito da evolução do artefato.

1.4. Justificativa

O presente trabalho tem, por objetivo, iniciar o estudo sobre as carteiras masculinas de bolso no âmbito do design de produto, discordando da visão e das justificativas apresentadas por autores que o colocam dentro do campo da Moda, além de detectada falta de pesquisas e estudos nos campos acadêmicos e científicos.

Resgatar, identificar e analisar estes objetos é explorar um campo do design ainda pouco estudado. Compreender a evolução do dinheiro monetário e dos documentos pessoais durante o período proposto por este trabalho subsidiará os processos de compreensão e análise, não apenas das formas adquiridas pelo objeto, mas, também, como todo pensamento que rege a função deste artefato.

Capítulo 2:

Revisão da literatura

2.1. Revisão da literatura do subproblema 1

Para o subproblema 1, os tipos de dados coletados ficaram concentrados ao universo da carteira com questões relacionadas à origem, história e evolução deste artefato bem como dados referentes às passagens do objeto na bibliografia nacional ao longo da história.

As fontes consultadas para levantamento destes dados passaram, primeiramente, por compreender o objeto de estudo, sua história e seu significado. Estes dados foram colhidos após levantamento nos campos da etimologia e filosofia, seja em sites especializados, sejam em livros correspondentes as áreas de estudo.

O passo seguinte foi estudar a história e evolução do objeto de estudo, o que se deu com pesquisas no campo da moda, principalmente com bibliografia estrangeira. Esta pesquisa, em específico, possibilitou resgatar a história do artefato bem como cruzar dados com o campo da etimologia com o objetivo claro de identificar a época do seu surgimento.

A compreensão de moda, mesmo que superficial, possibilitou, entre outras, suportar e discordar, conceitualmente, da visão e das justificativas que colocavam a carteira masculina de bolso como algo a ser estudado na esfera do campo da moda.

2.2. Revisão da literatura do subproblema 2

Para o subproblema 2, os tipos de dados coletados ficaram concentrados no universo do dinheiro monetário brasileiro, com questões relacionadas à

identificação dos padrões monetários no período de estudo deste trabalho, bem como a identificação das maiores e menores cédulas e moedas em circulação.

As fontes para essa pesquisa iniciaram-se pela aquisição de um livro histórico lançado pelo banco Central do Brasil que contemplava, em tamanho real, todas as moedas e cédulas circulantes no país, desde o seu descobrimento até 1972 (época do lançamento do livro). Para complementação das informações pós 1972, outro livro foi adquirido. As imagens de cédulas e moedas integrantes deste trabalho de pesquisa foram conseguidas, quase que na sua totalidade, em sites e blogs específicos ao tema.

2.3. Revisão da literatura do subproblema 3

Para a revisão da literatura do subproblema 3, foram cruzadas as informações do subproblema 1 com o subproblema 2.

Capítulo 3:

Método de pesquisa

3.1. Método de pesquisa para o subproblema 1

Foram utilizadas, basicamente, três técnicas de pesquisa para o subproblema 1. A primeira, pelo meio digital, com buscas a partir de palavras chave em sites de busca, como **carteira**, **história da carteira** e **significado da carteira**, o que possibilitou o encontro de dados em sites e blogs específicos.

A segunda forma foi à procura, por meio dos bancos de dados das bibliotecas da Universidade de São Paulo, pelo sistema integrado de buscas, nas áreas de interesse. Desta forma, foram solicitados e pesquisados livros tanto do campo da moda quanto de etimologia, dos cursos de design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo bem como na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Pesquisas em bibliotecas físicas foram realizadas nos prédios da FAU/Maranhão e também no Instituto Europeu de Design.

A terceira técnica consistiu na busca em campo pelo artefato. Para tanto, foram pesquisados locais como antiquários, sites numismáticos entre outros. Após alguns dados levantados, a pesquisa foi direcionada a busca na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, para entrevista com a coordenadora Salete Del Mas, do SENAI Giuseppe Fasolo, em novembro de 2012. Fruto dessa entrevista, uma segunda foi realizada no SENAI Maria Angélica, no bairro do Ipiranga, com o diretor da unidade, Renato Daracdjian, em janeiro de 2013.

3.2. Método de pesquisa para o subproblema 2

Para este segundo subproblema, foram utilizadas duas linhas de investigação. A primeira sendo a identificação dos padrões monetários utilizados no Brasil ao longo de todo o século XX aos dias de hoje, contendo dados históricos a

respeito do dinheiro monetário em circulação, bem como a identificação das maiores e menores cédulas dos períodos estudados.

A segunda linha de pesquisa consistia na busca por imagens das cédulas e moedas dos padrões monetários divididos por períodos além da busca pelos documentos pessoais. Isso foi conseguido através de sites de buscas no link imagens, direcionando a pesquisa para sites e blogs especializados e acervo particular para os documentos.

3.3. Método de pesquisa para o subproblema 3

Para este subproblema foram utilizados os resultados relativos aos subproblemas 1 e 2, cruzando e analisando informações adquiridas tanto a respeito dos tamanhos do dinheiro monetário brasileiro quanto dos documentos existentes na carteira masculina de bolso como também, com respeito aos padrões formais do artefato ao longo do período estudado.

Capítulo 4:

Resultados da pesquisa

4.1. Resultados do subproblema 1: universo das carteiras

4.1.0. Aspectos históricos

4.1.0.0. Introdução

Este capítulo pretende levantar, bem como responder, algumas questões a respeito da origem, da história e da evolução da carteira masculina de bolso, assim como discordar da visão e das justificativas dadas, que colocam o artefato a ser estudado, no campo da moda.

Não é a intenção deste trabalho abordar e discorrer detalhadamente sobre a moda e seus campos de atuação e sim compreender os conceitos e as bases em que está apoiada para esclarecer e justificar a posição tomada por esse estudo sobre a carteira masculina de bolso solicitando a sua inclusão no campo do design de produto.

4.1.0.1. As origens a partir de diferentes pontos de vista

O conceito de moda, apenas pode ser compreendido como conhecemos nos dias de hoje, a partir da Idade Média. Como colocado por Castilho, 2005, sobre moda:

(...) tendo um significado muito próximo à construção da identidade subjetiva e individual do sujeito e estaria presente a partir do momento em que se começa a obedecer as mudanças cíclicas e estilísticas propagadas e aceitas socialmente.
(p. 32)

Essas mudanças cíclicas a qual se refere, acontecem na forma de se trajar e (...) *reflete a maneira passageira de se vestir e de se comportar em determinada época. (...) Corresponde ao desejo constante de renovação visual (...)* (Sabino, 2007, p. 446). No âmbito coletivo de se vestir, *um laço social caracterizado pela imitação dos contemporâneos e pelo amor das novidades estrangeiras*, (Lipovetsky, 1944, p. 266)

A moda, como conceito, diz respeito não apenas ao vestuário, ou seja, aquilo que vestem as partes do corpo, mas também aos *vários elementos que compõem o vestuário no desenvolvimento da história humana, apresentam um caráter muito mais simbólico do que funcional* (Castilho, 2005 p. 36). Acrescido a isso, ela é *um conjunto de usos, de atitudes, de opiniões que momentaneamente reinam numa sociedade e ao qual se liga uma presunção de superioridade, alias, sempre sujeita a contestação*. (Lalande, 1993, p. 690)

Desta forma, dentro do universo da moda, o vestuário é *entendido como um conjunto de trajes e acessórios ornamentais que revestem e se articulam como arquitetura de linguagem ao corpo humano, (...) e está necessariamente sincronizado com as complexas formas que o corpo assume (...)* (Castilho, 2005, p. 37)

Neste campo diversificado da moda entendendo-o como um produto que resulta, entre outras coisas, no vestuário tanto masculino como feminino, abdicando da visão antropológica intrínseca da área, foi identificado um pequeno campo que poderia justificar a inserção do objeto de estudo dentro da área do design de moda.

Juntamente com os trajes, há, dentro da moda, uma área específica dedicada aos acessórios ou complementos, que são *objetos que auxiliam na composição dos trajes femininos e masculinos. Sempre fizeram parte da indumentária e sempre foram importantes na moda (...)* sendo que, (...) *qualquer roupa básica poderia ser incrementada por meio do seu uso*. (Sabino, 2007, p. 18)

Diferentemente da estrutura do vestuário em voga, que é *imperativa*⁶, os acessórios e os elementos decorativos não o são e refletem a personalidade de cada indivíduo, bem como seus gostos e, assim como as roupas estão sujeitos a tendências e modismos. Esses elementos decorativos residem, então, (...) *na capacidade de enfeitar e enobrecer o vestuário por meio de fantasias de moda (chapéus, casquetes, bugigangas, passamanarias, fitas, plumas, luvas, leques, fichus, etc.* (Lipovetsky, 1944, p. 80)

Sabino, 2007, também lista alguns elementos decorativos, como, *bijuterias, cintos, chapéus, bolsas, pochetes, lenços, gravatas, meias, relógios, suspensórios, luvas, óculos de sol, enfeites para cabelo, abotoaduras, guardas chuvas e faixas* (...). Como explicado por Castilho, 2005:

(...) os objetos de adorno e vestuário adquirem, com o passar do tempo, uma função preponderadamente decorativa e simbólica, perdendo intensidade naquilo que se refere ao utilitário (...) (p. 37)

Entendendo, portanto, que acessórios ou complementos de moda, que utilizam o corpo como suporte e meio de expressão, devam agregar informações, compor com o vestuário o prazer de ver, *ela consagra o progresso do olhar estético nas esferas mundanas* (Lipovetsky, 1944, p. 64) e não existindo função no seu papel, sendo desta forma, exclusivamente decorativo, o presente trabalho questiona o porquê, nas raras passagens encontradas, localizarem a carteira no campo do design de moda?

O artefato de estudo, como uso, encontra-se sempre “escondido” aos olhos dos observadores, seja em bolsos de camisas, jaquetas, mas, sobretudo, em calças. *É usual que os bolsos sirvam para que neles carreguemos carteira, documentos, pequenos objetos* (...). (Silva, 2009). Desta forma, não compõe informação alguma com o vestuário e possui, diferentemente do conceito de acessório, uma função muito clara e específica que vai além de apenas

⁶ Lipovetsky, 1944

decorativa: proteger e transportar documentos bem como as diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário ao longo do tempo.

A justificativa deste trabalho para a inserção do objeto de estudo na área de produto repousa nos primórdios dos conceitos sobre o campo do design. De acordo com a descrição elaborada pelo Internacional Design Center de Berlim, em 1979, o bom design (...) *precisa expressar as particularidades de cada produto por meio de uma configuração própria. (...) deve tornar visível a função do produto, seu manejo, para ensinar uma clara leitura do usuário.* (Abud Burdek, 2006 p. 15)

De acordo com Cardoso, a respeito do significado de design:

A origem mais remota da palavra está no latim designare, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar. (...) do ponto de vista etimológico, o termo já contém nas suas origens uma ambiguidade, uma tensão dinâmica entre um aspecto abstrato de conceber/projetar/atribuir e outro concreto de registrar/configurar/formar. (2004, p. 14)

Para que não existam dúvidas sobre se o objeto de estudo é um produto de design, objeto de artesanato ou apenas um suporte para a arte/moda, a definição de Michael Erlhoff deixa claro o conceito desta diferenciação dizendo *design que - diferentemente da arte – precisa de fundamentação prática, acha-se principalmente em quatro afirmações: como ser social, funcional, significativo e objetivo.* (Abud Burdek, 2006, p. 16)

Para Cardoso, a diferença entre design e artesanato *reside justamente no fato de que o designer se limita a projetar o objeto para ser fabricado por outras mãos ou, de preferência, por meios mecânicos.* (2004, p. 14)

Compreendendo, desta forma, o design como uma linguagem do dia-a-dia⁷ e entendendo o sentido da palavra como um meio de interpretação da realidade,

⁷ Gert Selle, 1973 abud Burdek, 2006 p. 286

podemos falar de sua linguagem do produto na medida em que objetos de design não são apenas portadores de funções, mas são sempre portadores de informações. (Ellinger abud Burdek, 2006, p. 286)

Desta forma, apresenta-se o objeto de estudo deste trabalho como um produto criado para atender uma necessidade específica, adequando-se as alterações impostas pela sociedade no decorrer da história, de uma maneira que não deixa dúvidas com relação ao seu uso e a sua manuseabilidade.

A seguir, será apresentada pesquisa sobre a história do artefato bem como seu possível significado dentro do campo da etimologia. Mesmo com o escasso material encontrado a respeito não apenas da história, mas do próprio objeto, algumas passagens da pesquisa, sugerem as carteiras como a evolução da bolsa feminina.

Algumas fontes pesquisadas, entre sites, blogs e artigos de língua inglesa, apontam que as primeiras carteiras conhecidas datam, aproximadamente do século V e eram conhecidas por Scythias ou Citias (ver fig. 1). Elas nasceram da necessidade do homem de carregar objetos indispensáveis para sua sobrevivência, como livros de oração, tabaco, remédios, água, alimentos e moedas. Eram objetos que mais pareciam um saco feito de couro amarrado e que nada tem a ver com as carteiras como as conhecemos nos dias de hoje.

Fig. 1 – Scythias ou Citias. Fonte: www.sinacouro.org.br

Imaginar um paralelo entre esse objeto com as carteiras atuais talvez seja uma necessidade de criar uma história romântica acerca do objeto, aplicando-lhe qualidades que se pressupõe ser mais afetivas do que racionais. Transpor a idéia de que um saco com corda seja a origem da carteira apenas por, nos dias de hoje, continuarmos a transportar e a proteger nossos objetos mais pessoais e valiosos, além de parecer extremamente simplista, parece, também, conceitualmente, desproporcional.

Trilhando pensamento completamente divergente do apresentado sobre as origens da carteira masculina de bolso, o projeto de pesquisa caminha para um ponto de investigação a partir de outra ótica, ou seja, a busca pela compreensão do significado da palavra **carteira** sob o ponto de vista da etimologia, *que envolvem conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas*⁸.

De acordo com Viaro, 2011:

A língua é uma coleção de sistemas. Do ponto de vista diacrônico, deve-se levar em conta a sincronia atual e as periféricas (...). Por isso, toda e qualquer informação é relevante para desvendar-se a origem da palavra, sobretudo se for de difícil rastreamento. De fato, o que chamamos de línguas são objetos de existência convencional (e não real). (p.104)

O português é uma língua romântica, como o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, entre outras, isto é, vem do Latim⁹. O importante é compreender que as palavras não vieram todas ao mesmo tempo sendo que algumas foram *introduzidas na língua portuguesa via inglês, ou então, foram criadas do alemão, mas passadas para o português por meio de outra língua romântica (sobretudo francês, espanhol ou italiano. (Viaro, 2011, p. 106)*

⁸ Viaro, 2003 pg 19

⁹ Idem, 2003 pg 58

Sobre a palavra, Viaro, 2011 discorre:

Toda palavra tem um núcleo etimológico que é a sua raiz. (...) Como uma semente de onde nasce a palavra. Pequena em relação à palavra, a raiz consiste de uma única sílaba na maior parte das vezes, chegando a ser, não raro, um único som. (p.20)

Desta forma, na busca pela origem da palavra que pudesse suportar o conceito deste objeto de estudo a que o trabalho se propõe realizar, foi identificado que a palavra **carteira** deriva da palavra **carta**, tendo como função primeira de porta-cartas. Segundo o Grande Dicionário Houaiss, 2001:

Carteira sf. (1727 cf.rb) 1. Bolsa com fecho, de tamanho variado, feita de materiais diversos (couro, tecido, etc), us. Para guardar papéis, dinheiro, documentos etc. 2. pequena bolsa de couro, plástico ou material com propriedades semelhantes, dobrável e com divisões internas, própria para guardar cédulas e documentos de pequeno formato, e que ger. se carrega no bolso. 3. mq. Porta-cartas. (p. 637)

Com essas definições básicas a respeito da carteira, a pesquisa foi direcionada pela busca por respostas no que o Houaiss definiu o artefato, além de outros, como porta-cartas. Seguindo a pesquisa por esse caminho, foi encontrada no site “ciberdúvidas.com”, uma explicação bastante eloqüente sobre o objeto de estudo deste trabalho. Segundo o site:

Prov [avelmente] der[ivado] de carta + eira, pois em rb há a seguinte definição: “é uma boceta fechada com chave dentro, na qual se mandam cartas em segredo”, ac[e] p [ção] ratificada por Moraes (1813) “bolsa com fechadura, de coiro, em que se mandam cartas em segredo. (www.ciberduvidas.com.br)

Fig.2 – Detalhe da chave utilizada. Fonte: imagem adquirida através de fotografia utilizando como aparelho um Iphone 4 do livro A century of bags.

Corroborar para essa afirmação, a passagem encontrada no site “origemdapalavra.com”, que descreve as carteiras *como caixa ou bolsa de couro chaveada em que eram enviadas cartas ou documentos que deviam manter-se secretos. (...) as cartas não ficavam amassadas porque no início eram receptáculos grandes, de couro (...).* (Ver fig. 2)

Na bibliografia nacional estudada dentro do contexto da moda, encontra-se uma passagem muito superficial sobre o objeto de estudo e está timidamente relatada por Sabino, 2007, desta forma:

Bolsa retangular, com ou sem alça, muito usada nos anos 50,60 e 70. Podiam ser de couro, vinil, forradas de tecido, havendo versões ricamente bordadas. Carteiras também se referem aos modelos adotados por homens e mulheres para guardar documentos e dinheiro. (p. 148)

Foi somente na literatura internacional que surgiram referências sobre a carteira masculina de bolso que corroboram para a linha de pensamento deste trabalho, tratando o objeto como um produto para proteger e transportar cartas e documentos. No livro **Burse: the pepin press** encontra-se, além da definição,

descrições a respeito dos primeiros objetos produzidos com essa finalidade (Ver fig.3). Está assim detalhado ¹⁰:

A partir do século XVII, tanto homens como mulheres mantinham suas cartas e papéis de valor em porta cartas ou carteiras. Eles guardavam suas moedas em bolsas. (...) Muitas porta cartas eram confeccionadas a partir de couro, com um ou mais compartimentos que às vezes se revestiam com papel marmorizado. Os porta cartas podiam servir como um presente ou souvenir. Como exemplo, um porta cartas de couro marrom bordado com a inscrição "constantinopoli 1732" na parte exterior e o nome do proprietário embaixo da aba. Porta cartas como essa eram confeccionadas em Constantinopla no final do século XVII e início do século XVIII. (...) Muitas das ilustrações e motivos representados nos porta cartas eram inspirados no amor e lealdade: cupidos, corações com ou sem chamas, Vênus, a deusa do amor, dois cachorros (símbolo da fidelidade), dois pássaros (noivado) e uma âncora (esperança). É muito provável que os porta cartas decorados com esses motivos fossem dados em pedidos de noivado ou casamento. (p. 48)

¹⁰ Do original: From the seventeenth century on, both men and women kept their letters and valuable papers in letter cases or wallets. They stowed their coins in purses. (...) Many letter cases were made from coloured leather, with one or more compartments which were sometimes lined with marbled paper. Letter cases could serve as a gift or souvenir. Na example is the Brown leather letter case with the embroidered inscription "Constantinopoli 1732" on the obverse side and the name of the owner under the flap. Letter cases like these were often made in Constantinople in the late seventeenth and in the eighteenth century. (...) Many of the illustrations and motifs on latter cases were related to love and loyalty: cupids, hearts with and without flames, the Love god Venus, two dogs (a symbol of faithfulness) two birds (betrothal) and an anchor (hope). Letter cases with such motifs were probably given at engagements and weddings."

*Fig.3 – Carteira Constantinopoli, 1732. Imagem adquirida do livro Burse: the pepin press.
Por meio de fotografia utilizando como aparelho um Iphone 4*

*Fig.4 – Carteira de 1781. Fonte: www.ebay.com. Tamanho aproximado de 14,6 x 8,5 cm
FECHADA. Descrição: Couro trabalhado com retalhos de couro off-white ou bege (...).
Do original: “Tooled leather with off-white or beige leather (...)”*

A idéia de que as carteiras foram projetadas para proteger e transportar cartas e documentos é apoiado pela passagem descrita por Johnson, 2002 a respeito da carteira de Napoleão (Ver fig. 5):

(...) o porta cartas de Napoleão foi projetada para o transporte de cartas e documentos oficiais. Napoleão encomendou uma série destes em verde escuro

com figuras em relevo, feitas em ouro para a sua comitiva, incluindo sua irmã Pauline, que usou o dela, diz-se, para levar cartas de amor. (p. 271)

Fig.5 – Carteira de Napoleão, França, 1810. Detalhe para o fecho contendo fechadura, indicando o uso de chave para abri-la. Imagem adquirida do livro Handbag: the Power of the purse através de fotografia utilizando como aparelho um Iphone 4.

Desta forma, o trabalho pretende qualificar o objeto de estudo como um produto criado para responder a uma demanda, a uma necessidade de proteger e transportar em segurança, cartas e documentos de valor. O período do seu surgimento também parece rastreável, como sendo por volta dos anos entre 1720 ou 1730, indicados pela definição apontada pelo Grande Dicionário Houaiss e pelo exemplar apresentado de 1732 (Ver fig. 3)

Ao longo do tempo a carteira foi se adaptando para atender as necessidades tanto da sociedade quanto da indústria, mas sua função nunca foi questionada ou alterada. Proteger e transportar documentos de valor que se alteraram com o tempo, tornando-se cada vez menores. É importante ressaltar que as primeiras cédulas de dinheiro possuíam tamanhos parecidos com cartas dobradas, o que justificaria a sua adaptação, de porta-cartas para porta-dinheiro, adequando-se aos tamanhos do dinheiro monetário corrente.

A seguir, imagens de algumas carteiras antigas encontradas por sites de busca na internet, todas do início do século XX.

Fig.6 – Carteira de 1906. Nota-se ser uma carteira americana, de couro liso marrom com tamanho muito próximo as carteiras nacionais da década de 1980 em diante. Seu interior apresenta duas grandes áreas para acomodar, provavelmente, talões de cheque ou cédulas de dinheiro. Fonte: www.img.inkfrog.com. Tamanho aproximado de 14,0 x 9,0 cm FECHADA

Fig.7 – Carteira de 1911. Não foi possível confirmar as dimensões desse exemplar. Nota-se, externamente, a inclusão de um botão de pressão para abertura e fechamento da carteira. É o objeto datado mais antigo encontrado que apresenta o uso do plástico como visor para portar documento. Possui espaço interno para cédulas. Fonte: www.ebay.com

Fig.8 – Carteira de 1923. Nota-se o formato retangular com apenas uma área para cédulas, talões ou mesmo documentos. Assemelha-se muito mais as antigas capangas dos anos de 1970, 1980 do que com uma carteira de bolso. Fonte: www.ebay.com

A seguir, serão apresentadas algumas passagens encontradas na literatura a respeito da carteira masculina de bolso, sendo, algumas, descrições primorosas de um objeto resultante de seu tempo, corroborando para a indicação do seu surgimento.

4.1.0.2. Citações históricas a respeito da carteira

Este capítulo apresentará algumas passagens interessantes sobre a carteira masculina encontradas em diversos tipos de literaturas, apresentando o objeto em diferentes épocas da história, mostrando sua dimensão no cotidiano das pessoas. Algumas dessas passagens descrevem o artefato, enquanto outras, apenas situações de uso do dia a dia.

Para facilitar a leitura, as passagens foram divididas pelos anos em que foram identificadas.

1789 - Inventário de Joaquim José da Silva Xavier:

“carteira só com duas fivelas de prata” – Ouro Preto, MG, 1789. (*Autos da devassa da Inconfidência Mineira*, Vol. V p.321, em Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. Objetos. Fichário Ernani Silva Bruno. Ed. Edusp, p.70).

1791 - Inventário de José Ayres Gomes:

“carteira de couro branco agolada de galão de ouro com chapas de cobre dourado” – Arredores de Barbacena, MG, 1791. (*Autos da devassa da Inconfidência Mineira*, Vol. V p. 453, em Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. Objetos. Fichário Ernani Silva Bruno. Ed. Edusp, p.70).

As passagens acima, apesar de não descreverem detalhadamente o objeto de estudo, têm a sua importância por apresentar, no século XVIII, o uso da palavra carteira, confrontando com as datações encontradas no grande Dicionário Houaiss que aponta para o ano de 1727, bem como dos primeiros objetos produzidos e apresentados como a carteira Constantinopoli de 1732.

1836 - *“Tinha recebido e acariciado, conduzindo a carteira de couro em que elle tinha mandado a chapa e gravura de Claudina. Julgou que lhe reenviavão as suas gravuras (...). Receoso, abre a carteira, e n’ella encontra a sua letra de 600 libras, com recibo de Florian, (...). Porém, a sua surpresa redobra, e seu descontentamento acaba, quando encontra na mesma carteira outro escripto, que continha huma nomeação de desenhador (...) com tres mil libras de renda, e hum quarto no palácio para toda a sua família.”* (*Biblioteca Familiar e Recreativa*, nº1 vol. V pg.207, Lisboa, 1836. Imprensa Nevesiana).

A passagem de 1836 apresenta a primeira datação encontrada a respeito do uso da carteira como porta dinheiro.

1836 - *“Diana, a cadella fiel, entra no seu gabinete, aproxima-se d’elle, encosta a cabeça em hum braço da cadeira, e lhe apresenta huma pequena carteira de couro preto, atada com hum cordão.”* (Biblioteca Familiar e Recreativa, nº1 vol. V pg.276, Lisboa, 1836. Imprensa Nevesiana).

1844/1857 – José de Alencar:

“O velho tomou uma cadeira (...) tirou do bolso uma dessas grandes carteiras de couro da Rússia (...).” (A viuvinha, p.84, em Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. Objetos. Fichário Ernani Silva Bruno. Ed. Edusp, p.70).

1845 – *“O tabellião não deu resposta, mas com a ponte de um de seus dedos, duro como ferro, e cobertos de pêllos ruivos, tocou em uma grande carteira de couro ordinário, que tinha ao pé de si...resolvido a ser tão laconico como o tabellião, o visconde metteu a mão no bolso da sobrecasaca, tirou uma carteira de couro da Russia com fecho de ouro, pegou em dezesseis notas de quinhentos mil reis, e mostrou-as ao tabellião”.* (Revista Litterária: periódico de litteratura, philosophia, viagens, etc, volume 12. Porto. Typographia da Revista, 1845).

A passagem acima apresenta o uso da carteira como porta cédulas. Diferentemente da passagem de 1836 quando utiliza a palavra *letra* para designar a forma adquirida pelo dinheiro monetário, encontra-se o uso da palavra *nota* para designar o mesmo padrão.

1846/1872 – José de Alencar:

“(...) estava ele entretido em contar os miúdos (...). Colocando-os, uns sobre os outros, formava os maços de dez, aos quais ia acomodando em uma grande carteira marroquina azul (...).” (Til (1846-1872) Vol.1, São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d., p.156, em Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. Objetos. Fichário Ernani Silva Bruno. Ed. Edusp, p.70).

1877 - Joaquim Maria Machado de Assis:

“Oh! A carteira! Custódio viu esse utensílio problemático, apalpou-o com os olhos (...) quis ser couro a matéria mesma do precioso receptáculo.” (Obra completa, Vol.2 p.339, Rio de Janeiro, 1877, em Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. Objetos. Fichário Ernani Silva Bruno. Ed. Edusp, p.70).

1884 – F. Sá Chaves:

“Tomou uma carteira, encheu-a de notas e continuou a fazer o seu correio. Minutos depois, retiniu a campanha: era o John que avisáva.” (Contos Nacionais – Imprensa União, 1884, p. 91).

1902 – *“Carteira de couro tratado, marrom, com costuras em linha verde. Externamente, aplicação de monograma “B de C” (Bernardino de Campos), em ouro, com incrustação de 39 rubis formando a letra B. Internamente, seis subdivisões. Marca da casa comercializadora gravada em dourado: “Casa Fuchs/São Paulo”, 15,8 x 10 cm (fechada)”*. Pertenceu ao presidente do Estado de São Paulo, Bernardino de Campos, c.1902. (Coleção Bernardino de Campos em A cidade Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914. Heloisa Barbuy. Ed. Edusp, p. 249).

A passagem acima apresenta descrição primorosa de uma carteira, provavelmente do final do século XIX ou mesmo do início do século XX. Tais informações serão utilizadas no item 4.2.6.2. deste trabalho, com objetivo de comparação entre os objetos de estudo, divididos por épocas de confecção.

1922 – *“A gatunagem nesta capital campeia desassombradamente. Não se passa talvez um só dia em que os cadastros policiaes não tenham a registrar furtos e roubos. Esta vez, a casa assaltada foi a do Sr. Alfredo Knorr, (...) os meliantes dali furtaram os seguintes objectos, (...) 1 carteira com diversos documentos, (...).* (Correio do Povo ANNO – XXVIII Num.39 p.4 Roubo Avultado em

Caderno de Pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. Rosemary Fritsch Brum, p.126)

1926 – “*Pelas 13 ½ horas de hontem, seguia o Sr. Francisco (...) quando viu um indivíduo que lhe ia á frente, recolher uma carteira do chão. (...) Este abriu a carteira e disse conter ella 6 contos de réis.*” (...). (*Correio do Povo* ANNO – XXXII Num.87 p.4 CARTEIRA BATIDA em *Caderno de Pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. Rosemary Fritsch Brum, p.194*).

4.2. Universo do dinheiro monetário brasileiro e de documentos pessoais

4.2.1. Considerações preliminares

A importância deste trabalho dedicado à história do dinheiro monetário no Brasil e dos documentos pessoais, no contexto desta investigação, resume-se a dois pontos fundamentais:

1º: localizar, historicamente, os diferentes padrões monetários ao longo da história do Brasil, pontuando o início e a evolução do dinheiro monetário no país, e;

2º: identificar, tanto esse dinheiro monetário quanto os documentos pessoais nas diferentes fases apresentadas, buscando complementar as informações históricas com dados sobre o objeto, com especial atenção para suas características formais. Tais dados complementarão e suportarão a pesquisa no sentido de criar um paralelo entre os diferentes tamanhos e desenhos da carteira masculina de bolso com o dinheiro monetário e com os documentos pessoais vigente no Brasil ao longo da história.

4.2.2. A história do dinheiro no Brasil

Durante anos após sua descoberta, o Brasil carecia de um meio circulante monetário metálico significativo. Os primeiros colonizadores utilizavam-se do escambo com os nativos. Somente por volta de 1530, quando Portugal optou pela colonização, é que o primeiro padrão monetário em terras brasileiras foi oficializado, com a imposição do Real Português.

As primeiras medidas para regularizar a circulação de moedas no Brasil, depois da união das Coroas de Portugal e Espanha, datam de 26 de fevereiro de 1643 com a expedição de um alvará determinando *“que as peças da Espanha fossem marcadas com carimbos indicativos do uso do novo valor, encimados pela Coroa Real, dando assim, origem ao **carimbo coroado**”* (Banco Central do Brasil, 1972, p. 7)

Por volta de 1645, as forças da Companhia das Índias Orientais, cercadas no Recife, Pernambuco, por tropas portuguesas e brasileiras:

(...) foram cunhadas com ouro da Guiné, peças de III. VI e XII Florins, sendo essas, as primeiras moedas a apresentar o nome “Brasil”. Todas as moedas eram de forma quadrangular com as iniciais G.W.C. (Geoltroterde Westingdishche Compagnie – Companhia Privilegiada das Índias Orientais). (Idem, p.7)

Essas moedas de ouro foram cunhadas entre 1645 e 1646 (Ver fig. 9) como forma de se pagar parte do soldo aos soldados que lá combatiam.

Fig.9 – moeda de VI Florins cunhada pelos holandeses em 1645. Fonte: www.angelinicoins.com

No final do século XVII, quase 200 anos após sua descoberta, portugueses encontraram ouro no Brasil, mais precisamente nas Minas Gerais. Com o início da exploração, a Coroa Portuguesa estudou a necessidade de transformar este ouro em peças para que pudessem ser melhor transportadas e utilizadas nas transações comerciais.

Para atender tal necessidade, Pedro II de Portugal (1662–1706), em 1694, criou uma lei determinando a fundação da Casa da Moeda do Brasil, localizada na Bahia, passando a funcionar no ano seguinte. Em 1698, esta foi transferida para o Rio de Janeiro permanecendo por dois anos onde após esse período, muda para Recife e, em 1703, retorna para o Rio de Janeiro onde permanece até hoje.

As razões para tantas mudanças de sede são explicadas da seguinte forma:

Conforme se verifica ao longo da história do Brasil e da história de Portugal, existe uma certa similaridade quanto ao comportamento das Casas da Moeda desses dois países, no que respeita a localizações. Essas mudanças freqüentes deviam-se a necessidade de suprimentos do meio circulante, nas várias regiões,

concomitantemente com a maior incidência de atividades econômicas. Por outro lado, o permanente risco do ataque de corsários não recomendava o transporte do numerário, sendo, assim, mais seguro que se deslocasse a Casa da Moeda. (Silva Apud Gonçalves, 1989 p. 138)

Enquanto a cunhagem de moedas do meio circulante era feita no Brasil, a produção de cédulas enfrentava problemas, pois a imprensa permanecia proibida, impossibilitando, não apenas a publicação de jornais, livros ou panfletos, mas, também, a produção de qualquer tipo de papel moeda. Isto ocorreu até a chegada da família real portuguesa, em 1808, e a conseqüente fundação da Imprensa Régia em 13 de maio do mesmo ano, hoje, Imprensa Nacional.

Logo após sua chegada ao Brasil, a Coroa Portuguesa passou a emitir cédulas impressas e criou o Banco do Brasil em 12 de outubro de 1808, emitindo a primeira cédula, em 1810 (Ver fig. 10, 11 e 12) estendendo-se até 1829, quando, pela Lei de 23 de setembro deste mesmo ano, determinava-se a paralisação das atividades do Banco.

Apesar de não encontrar registros na bibliografia referências sobre a escala das imagens aqui apresentadas, quando do cruzamento dos dados apresentados neste trabalho a respeito das medidas do dinheiro nacional, após 1942, no livro *Histórias que o dinheiro conta*, com as imagens utilizadas no livro *Iconografia do meio circulante do Brasil*, 1972, obtem-se a confirmação de que as imagens encontram-se em tamanho real.

Esta confirmação sugere que as cédulas e bilhetes confeccionados anteriormente a 1942 estejam, também, representados em tamanho real. Todas as medidas utilizadas neste trabalho a partir do padrão monetário cruzeiro de 1942 foram retiradas do livro *Histórias que o dinheiro conta*, de 2006. Partindo dessa premissa, as figuras 10, 11 e 12 apresentam tamanhos respectivos de 19,5 cm x 14,7 cm, 18,3 cm x 13,2 cm e 18,0 cm x 12,7cm.

Fig. 10 – cédula de tamanho 19,5 cm x 14,7 cm emitida, em 1810, pelo Banco do Brasil em preto sobre papel branco pelo processo de calcografia¹¹ (Imagem digitalizada do livro *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*, 1972)

Fig. 11 – cédula de tamanho 18,3 cm x 13,2 cm emitida em 1810 pelo Banco do Brasil em preto sobre papel branco pelo processo de calcografia (imagem digitalizada do livro *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*, 1972)

¹¹ A calcografia, também conhecida como talho doce, considerada um processo precursor da rotogravura, é uma das principais tecnologias de impressão de títulos fiduciários no mundo. Seu princípio de funcionamento inclui procedimentos típicos de offset, flexografia e, claro, rotogravura. Trata-se de um processo direto de reprodução gráfica, com máquinas alimentadas a folha ou bobina, que utiliza como forma de impressão uma chapa revestida com metais, cuja imagem gravada é encavográfica (áreas de impressão em baixo-relevo). Imprime-se sobre suportes flexíveis ou semi-rígidos, com tintas pastosas de secagem por óxido-polimerização e penetração.

Por volta de 1830, observou-se intensa falsificação das moedas de cobre. Mudou-se, então, o meio circulante metálico pelo impresso, criando-se, na Bahia, a cédula para o troco de cobre, como ficam conhecidas. Estas cédulas eram impressas pelo processo litográfico¹².

Fig. 12 – cédula de tamanho 18,0 cm x 12,7 cm emitida, em 1828, pelo Banco do Brasil em preto sobre papel branco pelo processo de calcografia (imagem digitalizada do livro *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*, 1972)

De 1836 a 1854, estas cédulas, ou letras, passaram a ser emitidas por dez bancos com diferentes valores e prazos de vencimento. Em 1862, o novo Banco do Brasil volta a assumir a responsabilidade exclusiva das emissões e pela Lei de 12 de setembro de 1866, o Governo suspende todo e qualquer direito bancário de emissão.

¹² Esta técnica de impressão utiliza uma pedra calcária de grão muito fino e baseia-se na repulsão entre a água e as substâncias gordurosas. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através da gordura aplicada sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura e na gravura em metal.

Ao longo do tempo, diferentes padrões de tamanho foram usados para a confecção dessas cédulas. A figura 13 apresenta cédula emitida em 1854 com 22,5 cm x 14,3 cm. A figura 14, do mesmo ano, possui 21,6 cm x 11,8 cm

Fig. 13 – cédula de tamanho 22,5 cm x 14,3 cm emitida em 1854 pela Casa da Moeda do Brasil do Rio de Janeiro, 1ª série, em preto sobre papel branco pelo processo de calcografia (imagem digitalizada do livro *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*, 1972)

Fig. 14 – cédula de tamanho 21,6 cm x 11,8 cm emitida em 1854 pela Casa da Moeda do Brasil do Rio de Janeiro, 4ª série, em preto sobre papel verde pelo processo de litografia e calcografia (imagem digitalizada do livro *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*, 1972)

De acordo com Silva Junior, a respeito da produção das cédulas:

Ao longo do período imperial a fabricação das cédulas brasileiras se alterna entre encomendas as casas impressoras estrangeiras e brasileiras, com a participação na Casa da Moeda, mas com predominância das emissões produzidas no exterior. A emissão de cédulas não é inteiramente controlada pelo governo imperial. Diversos bancos nas províncias são autorizados a fazê-lo, e o meio circulante brasileiro se torna tão confuso como o dos outros países independentes da época. (2008, p. 61)

As tentativas de nacionalizar a produção do papel moeda ao longo deste período se alternavam com solicitações feitas a firmas estrangeiras.

Os planos para fabricação de papel-moeda no Brasil são muito antigos. Por várias vezes, a Casa da Moeda do Rio de Janeiro chegou a tentar resolver o problema, sem, no entanto, consegui-lo. Encomendas esparsas foram executadas, mais para atender a circunstâncias do momento ou para impressionar a opinião pública, sem servir de base a uma produção industrial no sentido de capacitar à Casa da Moeda a atender as necessidades do País. (Silva Junior Apud Trigueiros, 1987, p.118)

Dentre as empresas estrangeiras que atendiam o mercado de dinheiro nacional, no final do século 19, duas atuaram de forma mais importante: a americana *American Bank Note Company* e a inglesa *Thomas de La Rue*.

fabricadas na época, a maior foi a de 80 réis, confeccionada durante o reinado de Dom João, príncipe regente de Portugal (1799–1816). Era feita em cobre e possuía aproximadamente 4,3 cm de diâmetro (Ver fig. 16). A menor moeda em circulação foi a de 400 réis, ou 1 cruzado, durante o reinado de Dom João V, entre 1706 e 1750. Era feita em prata e possuía 1,3 cm de diâmetro. (Ver fig. 16)

Fig. 16 – comparação entre a menor e a maior moeda metálica de todo o período colonial brasileiro. Imagens em escala. (imagem digitalizada do livro Iconografia do Meio Circulante do Brasil, 1972)

4.2.3. Padrões monetários brasileiros

Ao longo de sua história, o Brasil possuiu nove padrões monetários, com moedas e cédulas de tamanhos e materiais diferentes. Identificar tais padrões monetários localizá-los por ordem cronológica e levantar suas características quanto às maiores e menores cédulas e moedas faz-se necessário para traçar uma aproximação entre o dinheiro monetário de cada período da história com a confecção das carteiras masculinas de bolso nas épocas estudadas. Não é objetivo apresentar todo o dinheiro circulante e sim localizar e identificar, de forma ilustrativa, os extremos do dinheiro monetário no que se refere ao tamanho das cédulas e moedas.

4.2.3.1. Padrão monetário cruzeiro (01.11.1942 a 12.02.1967)

O cruzeiro começou a circular em tempos de II Guerra Mundial, quando a inflação do período desvalorizava o dinheiro nacional. A nova moeda passou a circular valendo o equivalente a 1000 reis.

Como observado por Cintra, Torelli a respeito dessa transição:

Em vez de emitir novas cédulas, inicialmente o sistema aproveitou oito modelos do padrão anterior. Uma dessa notas – a de 1000 réis – foi utilizada, valendo o equivalente a 1 cruzeiro, sem nenhum tipo de diferenciação. As outras sete receberam dois carimbos (dupla superimpressão), que indicavam a nova unidade monetária e a correção do valor de face. (2006, p.27)

A menor cédula desse período foi a de 1000 reis, que valia 1 cruzeiro. Possuía 12,3 cm x 6,2 cm. Circulou entre 1944 e 1953, sendo fabricada pela *American Bank Note Company* e tendo o Banco do Brasil como órgão emissor (Ver fig.17). Como mencionado por Cintra, Torelli a respeito das características das cédulas da época:

A exemplo das cédulas de cruzeiro emitidas em 1943 e 1944, as notas do padrão mil-réis geralmente vinham autografadas a caneta tinteiro por funcionários da antiga Caixa de Amortização. Como ficavam empilhadas, era comum a cédula de baixo marcar o reverso da cédula de cima, como acontece principalmente nas notas de 1 e 100 cruzeiros. (2006, p.28)

A maior cédula foi a de 500 mil reis, que valia 500 cruzeiros. Possuía 19,3 cm x 8,9 cm, fabricada pela *American Bank Note Company*, tendo o Tesouro Nacional como órgão emissor, circulando entre 1942 e 1955. (Ver fig. 17)

Fig. 17 – Análise comparativa entre os tamanhos das cédulas de 1000 reis, convertida em 1 cruzeiro, com a cédula de 500 mil reis, convertida em 500 cruzeiros. Nota-se, na menor cédula o retrato de Manuel Ferraz De Campos Salles. Apresenta, no reverso, o brasão de armas da República. Foi o idealizador da República do café com leite. A cédula de 500 cruzeiros apresenta o retrato de Floriano Peixoto e no reverso, o medalhão das armas de república. Foi retratado novamente na cédula de 100 cruzeiros que circulou entre 1970 e 1987. (www.angelinicoins.com)

No mesmo período em que estas cédulas, aproveitadas do antigo padrão monetário, circulavam no meio de troca, o governo passou a adotar novas cédulas para a nova unidade monetária, lançadas entre 1943 e 1966. Elas foram confeccionadas em valores de 1, 2 (Ver fig. 18), 5, 10, 20, 100, 500, 1000, 5000 (Ver fig. 19) e 10.000 cruzeiros. Com exceção deste último valor, que possui 16,4 cm x 7.2 cm, todas as outras foram padronizadas com medidas de 15,7 cm x 6,7 cm. Eram fabricadas pela *American Bank Note Company*, tendo o tesouro Nacional como órgão emissor.

De 1949 a 1963, lançou-se a 2ª família de cédulas que se diferenciavam das originais em dois aspectos: a empresa executora e a cor predominante. Em vez da americana *American Bank Note Company*, a inglesa *Thomas de La Rue*. Mantem-se a medida padrão oriunda das primeiras cédulas: 15,7 cm x 6,7 cm. As cédulas de 1 e 10.000 cruzeiros são extintas.

Fig. 18 – 2ª família de cédulas. Cédula de 2 cruzeiros que apresenta o retrato de Luis Alves de Lima e Silva, mais conhecido como Duque de Caxias. Foi novamente retratado na cédula de 100 cruzeiros de 1981. O reverso apresenta a imagem da Escola Militar de Resende, atual Academia Militar das Agulhas Negras. Fonte: www.portaldascolecoes.com.br

Fig. 19 - 2ª família de cédulas. Cédula de 5.000 cruzeiros que apresenta o retrato de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Quando adulto, exerceu trabalhos de mascate, tropeiro, ourives e principalmente alferes, que significa, na hierarquia do exército colonial brasileiro, uma patente abaixo de tenente. O reverso apresenta o quadro “Tiradentes ante o carrasco”, pintado em 1941 por Rafael Fallo. Fonte: rogiolincknumismata.blogspot.com

Em 1961, lançou-se a primeira cédula produzida no país sem auxílio nem assessoria de empresas estrangeiras. Tratava-se da famosa “nota do índio”, como ficou conhecida a nota de 5 cruzeiros, com seus motivos tipicamente nacionais. Possuía 15,6 cm x 6,7 cm, era fabricada pela Casa da Moeda do Brasil e tinha o Tesouro Nacional como órgão emissor. (Ver fig. 20) Como mencionado por Cintra, Torelli a respeito desta cédula:

As notas próprias do cruzeiro estampam presidentes da República, imperadores, reis, heróis e bons servidores da pátria. A exceção é a cédula de 5 cruzeiros, que circulou entre 1961 e 1967. Anverso¹³ e reverso¹⁴ tem motivos brasileiros, notadamente um índio, mas ainda uma jangada e vitórias-régias. Pode-se justificar que a homenagem se estenda a todas as tribos. (2006, p.63)

Fig. 20 – 1ª cédula produzida no Brasil. Cédula de 5 cruzeiros, a famosa nota do índio. (www.mrcolecoes.com.br) Nota-se, no anverso, a efígie de índio e a esquerda, a representação da jangada sobre ondas. No reverso, painel com vitória régia. Projeto gráfico de Orlando Maia.

Neste mesmo período, a partir da inserção do novo padrão monetário, as moedas metálicas começaram a ser cunhadas. As de valores 10, 20 e 50 centavos traziam a efígie de Vargas e as de 1, 2 e 5 cruzeiros, motivos nacionais. Elas eram fabricadas pela Casa da Moeda do Brasil, tendo o Tesouro Nacional como órgão emissor. Eram cunhadas a partir de uma liga de bronze-alumínio.

¹³ Anverso: face da frente em qualquer cédula ou moeda. Em notas, geralmente o anverso é o lado com efígie (representação de personagens humanos), dados técnicos, chancelas. Em moedas, costuma ser a face com a indicação do país emissor.

¹⁴ Reverso: face das cédulas e das moedas, oposta ao anverso.

A menor moeda era a de 10 centavos (Ver fig. 21) com diâmetro de 1,7 cm e pesava 3 gramas. A maior era a de 5 cruzeiros (Ver fig. 21) com diâmetro de 2,7 cm e pesava 9 gramas, fabricada com uma liga de bronze-alumínio¹⁵.

Fig. 21 – moeda de 10 centavos de 1946 e de 5 cruzeiros de 1942

(<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/governo-getulio-vargas/estado-novo-5.php>)

4.2.3.2. Padrão monetário cruzeiro novo (13.02.1967 a 14.05.1970)

O decreto número 1 de 13 de novembro de 1965, do então marechal presidente Castello Branco, previa a substituição do Cruzeiro a partir do ano seguinte, o que não ocorreu. Como mencionado por Cintra, Torelli:

Em 8 de Fevereiro de 1967, Castello Branco promulgou o decreto 60.190 e a resolução 47, que possibilitaram a reforma do padrão monetário. Embora tramitassem no Congresso propostas de alteração no nome da moeda – para bração, cruzado e até o antigo conto -, preferiu-se acrescentar apenas a palavra “novo” a cruzeiro, um nome já consagrado e extremamente popular. Quanto à

¹⁵ Ligas de bronze-alumínio são muito apreciadas pela alta força e resistência a corrosão ao ser comparada com outras ligas de bronze. São ligas com baixas taxas de corrosão no ar atmosférico e baixa reatividade com componentes sulfurosos. Também é resistente à corrosão da água do mar. A resistência do Bronze-Alumínio repousa no alumínio que compõe a liga, que reage com a atmosfera (oxigênio) formando uma fina e resistente camada de alumina (óxido de alumínio) que age como uma barreira de proteção em ligas ricas em cobre.

equivalência, 1 cruzeiro novo valeria 1.000 cruzeiros. O centavo voltou a ser a unidade divisionária. (2006, p.66)

Pela primeira vez, na história do Brasil, os centavos não se restringiam, apenas, as moedas. As cédulas de cruzeiro se mantiveram em circulação, recebendo o carimbo do Banco Central com o novo valor estampado.

Com exceção da cédula de dez mil cruzeiros novos, todas as outras possuíam dimensões de 15,7 cm x 6,7 cm. As notas de 10 (ver figura 22), 50 e 100 cruzeiros eram fabricadas pela *Thomas de La Rue & Company Limited* tendo o Banco Central do Brasil como órgão emissor. Já as notas de 500, 1.000 e 5.000 cruzeiros eram fabricadas pela *American Bank Note Company*. A maior nota, tanto em valor de face quanto em medidas, foi a de 10.000 cruzeiros (ver figura 22). Ela possuía 16,3 cm x 7,2 cm e eram produzidas pela *American Bank Note Company*, tendo o Banco Central do Brasil como órgão emissor.

Fig. 22 – comparação entre os tamanhos das cédulas de 1 centavo, sendo essa a cédula com menor valor facial da história do Brasil, com a cédula de 10 cruzeiros novos
(http://www.portaldascolecoes.com.br/product_info.php?products_id=197)
(http://www.portaldascolecoes.com.br/index.php?cPath=24_36)

Com relação às moedas cunhadas neste período, a de 1 centavo possuía a menor dimensão, com diâmetro de 1,7 cm, pesando 2,63 gramas e fabricada em aço inoxidável¹⁶. Entre 1969 e 1975, por razões de custo, a espessura da moeda foi reduzida, passando de 1,5 mm para 1,4 mm, tendo seu peso reduzido a 1,75 gramas. (Ver fig. 23)

Fig. 23 – moeda de 1 centavo de 1967 e 50 centavos do mesmo ano
(<http://www.bcb.gov.br/pre/museu/moedas/Crn67/009.asp?idpai=Crn67>)

A maior moeda, no período, foi a de 50 centavos (Ver fig. 23), com 2,7 cm de diâmetro e pesando 8,74 gramas em cuproníquel. Em 1970, por razões de custo, a espessura da moeda foi reduzida de 1,7 mm para 1,5 mm. Seu peso também se alterou, passando a ter 7,71 gramas. Em 1975, com a substituição do material, passou-se a utilizar o aço inoxidável e seu peso caiu ainda mais – 6,65 gramas.

O cruzeiro novo foi uma moeda de transição. O retorno do nome, sem o “novo”, já estava previsto. Como observado por Cintra, Torelli:

¹⁶ o aço inox é classificado em 3 grupos: os **AUSTENÍTICO**, os **FERRÍTICOS** e os **MARTENSÍTICOS**. Por suas propriedades, as moedas são fabricadas com o aço inox do segundo grupo, que possuem de 11% a 17% de cromo. É resistente à corrosão e mais barato por não conter níquel

(...) o decreto nº 1, de 1965, deixava claro que a volta do cruzeiro sem o “novo”, era questão de tempo. Na realidade, essas moedas faziam parte de uma mesma reforma monetária, que tentava diminuir o impacto da inflação no Brasil. Mas em 1970, ao se anunciar a readoção do cruzeiro, o principal fato econômico já não eram os surtos inflacionários – e, sim, o crescimento. (2006, p.82)

4.2.3.3. Padrão monetário cruzeiro (15.05.1970 a 27.02.1986)

No período de 16 anos de circulação, lançaram-se dois padrões distintos de cédulas, sendo a reformulação feita em 1978. Os centavos foram extintos, em 1984, através da Lei 7.214, pelo então general-presidente João Batista Figueiredo e a inflação no período foi de 599.445,91%¹⁷.

Esta época caracteriza-se pela consolidação do Banco Central em agente forte e regularizador da economia e com altos investimentos na modernização da Casa da Moeda. Segundo Cintra, Torelli:

O Brasil caminhava, ano a ano, para um quadro de auto-suficiência na fabricação de dinheiro. Economizavam-se, assim, milhões de dólares anuais. Em 31 de março de 1970, o Banco Central publicou a resolução 44, elaborada pelo Conselho Monetário Nacional. Os brasileiros, de acordo com a resolução, voltariam a usar o cruzeiro em 15 de maio do mesmo ano. A moeda equivaleria ao cruzeiro novo, mantendo-se ainda o centavo como unidade divisionária. (2006, p.82)

As cédulas produzidas no primeiro período de 1, 5, 10, 50 e 100 cruzeiros, apresentavam tamanhos diferentes, padronizados em 5 milímetros para o comprimento e 3 milímetros para a altura. Desta forma, a cédula de 1 cruzeiro (Ver fig. 24) como a menor com 14,7 cm x 6,7 cm e a cédula de 100 cruzeiros (Ver fig. 24) como a maior, com 16,7 cm x 7,9 cm, apresentando variação de quase 34% no tamanho.

¹⁷ Cintra, Torelli, 2006, p.82

Fig. 24 – comparação entre os tamanhos das cédulas de 1 cruzeiro (1970), com a cédula de 10 cruzeiros novos (<http://cedulasdomundo.blogspot.com/2009/12/1-cruzeiro-verde.html>) (<http://mrcolecoes.com/loja>). Observe-se, no anverso da cédula de Cr\$ 1,00, a efígie simbólica da República. Projeto gráfico de Aloísio Magalhães. No anverso da cédula de Cr\$ 100,00, a figura do Marechal Floriano Vieira Peixoto. Projeto gráfico também de Aloísio Magalhães.

A cédula de 1 cruzeiro, do período em questão, foi a primeira a utilizar a efígie¹⁸ da República. Como observado por Cintra, Torelli:

O emblema brasileiro se assemelha a efígie da liberdade, revelando a imagem esculpida de uma mulher, de perfil, com uma coroa de louros. Assim, a efígie da República simboliza os valores que serviram como base para a finalização do regime monárquico, em especial o anseio libertário. (2006, p.180)

Como apresentado, anteriormente, a reformulação das cédulas ocorreu no ano de 1978 com o lançamento da cédula de 1.000 cruzeiros (ver figura 25), conhecida como “nota de 1 barão”. Foi a primeira de uma família inspirada em cartas de baralho. Para facilitar a identificação, as imagens e as inscrições eram reproduzidas e invertidas. Outras quatro cédulas foram lançadas. As de 100, 200, 500 e 5.000 cruzeiros. Todas com as mesmas dimensões: 15,4 cm x 7,4 cm.

¹⁸ Efígie: origem latim e significa representação, figura, imagem.

Fig. 25 – cédula de 1000 cruzeiros inspirada em cartas de baralho, 1978 (<http://www.pictime.com.br/variados/cedulas-brasileiras-parte-1>). Projeto de Aloísio Magalhães com o retrato do Barão do Rio Branco no anverso. O reverso apresenta um painel baseado no taqueômetro utilizado na “questão das Missões” e no mapa da fronteira definitiva entre Brasil e Argentina, feita por Dionísio Cerqueira em 1904.

Nos últimos anos do cruzeiro, mais precisamente no final de 1984, lançaram-se as cédulas de 10 mil, 50 mil (Ver fig. 26), e 100 mil cruzeiros, sendo esta última, produzida no final de 1985. Estas novas cédulas não seguiram o modelo anterior de baralho, mas possuíam as mesmas dimensões.

Fig. 26 – cédula de 50.000 cruzeiros, 1984 (<http://www.portaldascolecoes.com.br>). Observe, no anverso, retrato de Oswaldo Gonçalves Cruz. A cédula trazia, no seu reverso, a vista do edifício principal do “Instituto Oswaldo Cruz”, no Rio de Janeiro. Projeto gráfico de Júlio Pereira Guimarães.

Com relação às moedas circulantes no período, seis foram reaproveitadas do padrão monetário anterior, o cruzeiro. Eram as de 1, 2, 5, 10, 20 e 50 centavos. Lançada em 1970, a moeda de 1 cruzeiro passou a circular no mesmo dia em que o novo padrão monetário entrou em vigor no país.

Em comemoração aos 150 anos de independência do Brasil, em 1972, lançaram-se três moedas: 1, 20 e 300 cruzeiros (Ver fig. 27). A primeira possuía diâmetro de 2,90 cm e era fabricada em níquel. A segunda possuía diâmetro de 3,41 cm e era feita de prata. A moeda de maior valor facial possuía diâmetro de 2,75 cm e era feita em ouro.

Fig. 27 - moedas comemorativas dos 150 anos de independência do Brasil, 1972

(<http://sites.google.com/sites/sagglebrag/moedas-brasileiras>)

Neste período, a menor moeda em circulação foi a de 1 centavo (Ver fig. 28), cunhada entre 1979 e 1984. Possuía 1,40 cm de diâmetro e era feita em cuproníquel. Na verdade, esta foi a menor moeda em circulação durante o regime republicano.

Fig. 28 - moeda de 1 centavo com diâmetro de 1,40 cm, 1979 e 50 cruzeiros, 1981
(<http://sites.google.com/sites/sagglebrag/moedas-brasileiras>)

A maior moeda, no período, exceção feita às moedas comemorativas, em especial a de 20 cruzeiros, foi a de 50 cruzeiros (Ver fig. 28), cunhada entre 1981 e 1987. Possuía 2,80 cm de diâmetro e era feita em aço inoxidável.

4.2.3.4. Padrão monetário cruzado (28.02.1986 a 15.01.1989)

O último general-presidente do período da ditadura militar no Brasil, João Batista Figueiredo deixou, como herança, uma inflação acumulada de 58.358%¹⁹, transformando o cruzeiro, em uma moeda fraca. Cédulas de 100 mil foram produzidas, assim como moedas com valor facial de 500 cruzeiros.

Diante de tal situação, coube ao primeiro civil a ocupar a presidência, desde Jânio Quadros, em 1961, José Sarney, apresentar um plano de estabilização. Menos de um ano após assumir o cargo, em 1986, o presidente anunciou o cruzado *“por meio de três documentos oficiais: o decreto 2.283, de 27 de fevereiro; a resolução 1.100, publicada no dia seguinte e o decreto 2.284, de 10 de março”*. (Cintra, Torelli 2006, p.116) O tradicional corte de três zeros foi feito para adequar a troca da moeda e 1000 cruzeiros passaram a valer 1 cruzado.

¹⁹ Cintra, Torelli, 2006 p.116

As primeiras cédulas de cruzado são aproveitadas do padrão monetário anterior, nos valores de 10.000, 50.000 e 100.000, com carimbo do Banco Central do Brasil, com o novo valor de face. Estas cédulas, aos poucos, foram sendo modificadas. Os padrões de impressão foram mantidos, assim como o desenho e as medidas das cédulas. Todas possuíam 15,4 cm x 7,4 cm, nos valores de 10 (Ver fig. 29), 50, 100, 500 (Ver fig. 30), 1.000, 5.000 e 10.000 cruzados.

Fig. 29 – cédula de 10 cruzados seguindo modelo da nota de 10.000 cruzeiros, 1986 (http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-174658438-cedula-nota-fe-de-10-cruzados-de-rui-barbosa-_JM)_Nota-se que o anverso traz o retrato de Rui Barbosa e a esquerda, composição representativa da sua mesa de trabalho. O reverso desta cédula trazia a composição do homenageado discursando na Segunda Conferência da Paz, realizada em Haia, 1907. Projeto gráfico de Álvaro Alves Martins.

Fig. 30 – cédula de 500 cruzados, 1986 (<http://aminhacolecao-nicha.blogspot.com/2009/12/brasil.html>)_O anverso da cédula apresenta o retrato de Heitor Villa-Lobos rodeado por representações de vitórias régias. O reverso apresentava o maestro regendo e ao fundo a vista de uma floresta brasileira baseada em gravuras de Rugendas. Projeto gráfico de Júlio Guimarães.

Com relação às moedas, foram lançadas, em 1986, sete valores: 1, 5, 10, 20 e 50 centavos e 1 e 5 cruzados. No ano seguinte, a última moeda da série, de 10 cruzados. Deste período, a menor foi a de 1 centavo (Ver fig. 31), com diâmetro de 1,50 cm, feita em aço inoxidável e a maior, com exceção das moedas comemorativas ao centenário da abolição, em 1988, que possuíam diâmetro de 3,10 cm, foi a de 10 cruzados (Ver fig. 31), com diâmetro de 2,70 cm, também fabricadas em aço inoxidável.

*Fig. 31 – moeda de 1 centavo, 1986 e 10 cruzados, 1987
(<http://www.bcb.gov.br/pre/museu/moedas/Cz86/029.asp?idpai=Cz86>)*

A vida do cruzado foi curta, menos de três anos. Novamente a moeda brasileira estava enfraquecida e o que era euforia no início do governo Sarney, se tornou frustração. Em 16 de janeiro de 1989 lançou-se outro padrão monetário, o cruzado novo.

4.2.3.5. Padrão monetário cruzado novo (16.01.1989 a 15.03.1990)

Esse novo padrão monetário sobreviveu por apenas 14 meses, contaminado pela hiperinflação de 4.903,66% do período. Como colocado por Cintra, Torelli:

A própria criação do cruzado novo foi atípica, por seu caráter emergencial. Em vez de lei ou decreto, a moeda lançou moda ao ser instituída por uma medida provisória – MP 32, de 15 de janeiro de 1989. No último dia daquele mês, foi que a medida se converteu na lei 7.730. (2006, p.140)

Como ocorrido em planos anteriores, à divisão de centavos foi mantida, cortaram-se três zeros e um cruzado novo valia mil cruzados. Do padrão anterior, herdaram-se as cédulas de 1, 5 e 10 cruzados, com dimensões de 15,4 cm x 7,4 cm.

Um modelo inédito de nota de 50 mil cruzados, praticamente pronto, foi readaptado à nova moeda, sendo lançado ao valor de 50 cruzados novos. As cédulas, a partir de então, ficaram menores, tanto de largura quanto de comprimento – uma característica vigente até hoje. (Cintra, Torelli, 2006, p.141)

Esta nova dimensão das cédulas de 50 cruzados novos de 14,0 cm x 6,5 cm (Ver fig. 32) valorizaram o formato econômico, *mais adequado à carteira dos brasileiros*. (Cintra, Torelli, 2006, p.142)

Fig. 32 – análise comparativa entre as cédulas de 1000 cruzados com carimbo do novo padrão monetário com a cédula de 50 cruzados novos com novo padrão de tamanho de cédulas. (<http://www.colnect.com>)

(<http://brazind.blogspot.com/>)_ A cédula de Cz\$ 1000,00 traz no anverso o retrato de Joaquim Maria Machado de Assis, tendo a esquerda o emblema da Academia Brasileira de Letras. O reverso da cédula trazia a imagem da Rua Primeira de Março no Rio de Janeiro, em 1905. Autor do projeto gráfico, Álvaro Martins. A cédula de NCz\$ 50,00 trazia, no anverso, a efígie de Carlos Drummond de Andrade e aparecendo ao fundo, o casario e as montanhas de Itabira, MG. O seu reverso apresentava o poeta em sua mesa, no ofício de escrever. A direita da figura estão reproduzidos os versos do poema “canção amiga”. Projeto gráfico de Amaury Fernandes da Silva Junio e Thereza Regina Barja Fidalgo.

Com relação às moedas, pouco foi alterado. Elas continuavam sendo fabricadas pela Casa da Moeda, em aço inoxidável. A menor, do período, como não poderia deixar de ser, foi a de 1 centavo, com diâmetro de 1,65 cm e pesando 2,01 gramas. (Ver fig. 33) Com exceção da moeda comemorativa ao centenário da república, de 200 cruzados novos, fabricada em prata, a maior moeda foi a de 50 centavos, com diâmetro de 1,95 cm e pesando 2,83 gramas. (Ver fig. 33)

Fig. 33 - moeda de 1 centavo de cruzado novo e 50 centavos de cruzado novo

(<http://moedasdobrasil.com.br/catalogo.asp?s=5&xm=62>)

(<http://www.bcb.gov.br/pre/museu/moedas/Czn90/043.asp?idpai=Czn90>)

4.2.3.6. Padrão monetário cruzeiro (16.03.1990 a 31.07.1993)

Quinze de março de 1990 marca o início da era Collor, do primeiro presidente eleito desde Jânio Quadros, o símbolo da modernidade, a esperança de um novo Brasil, em detrimento ao governo impopular de José Sarney (1985-1990). Aquele foi um momento esperado, de ruptura, no caminho do crescimento econômico e do desenvolvimento social.

Bastou um dia, o seguinte a sua posse, para Fernando Collor paralisar a economia do país. Nesta época, ele e sua equipe elaboraram um pacote de 17 medidas provisórias, conhecido como Plano Brasil Novo ou simplesmente, Plano Collor²⁰. Foi o maior choque econômico da história do Brasil. De acordo com o presidente, não bastava congelar preços e salários. Era necessário reduzir o consumo dos brasileiros e retirar dinheiro do mercado, caso contrário, a estabilidade fracassaria. Este choque, de liquidez, atingiu poupanças e contas correntes dos brasileiros. Qualquer depósito superior a 50 mil cruzados novos seria bloqueado. Sem corte de zeros, o cruzeiro correspondia ao mesmo valor do antigo padrão monetário, o cruzado novo, mantendo-se, inclusive, o centavo como unidade divisória.

²⁰ Cintra, Torelli, 2006, p.158

Apesar de todo o choque realizado na economia, o jovem presidente não conseguiu controlar a inflação, que, no período, chegou a exorbitantes 257.370,41%²¹. O PIB, que havia subido 3,16% em 1989, encolheu 4,35% em 1990²².

Do sistema monetário anterior, quatro notas foram aproveitadas, recebendo carimbo com a indicação do novo valor de face. Destas, três foram reeditadas, alterando-se, já na impressão, o nome da unidade monetária.

Como apresentado anteriormente, a cédula de 50 cruzados novos, lançada em 1989, quebrou paradigmas e estabeleceu um novo padrão no tamanho das notas. As novas cédulas, do padrão cruzeiro, seguiram esse formato, possuindo todas, as mesmas medidas, ou seja, 14,0 cm x 6,5 cm. Foram confeccionadas notas de 100, 200, 500, 1.000, 5.000, 10.000, 50.000, 100.000 e 500.000 cruzeiros (Ver fig. 34), sendo, esta última, a cédula de maior valor facial desde o fim do padrão réis.

Fig. 34 – de 500 mil cruzeiros com carimbo de 500 cruzeiros reais.

(http://mrcolecoes.com/loja/index.php?cPath=150_151&osCsid=4caecdcc49c4866855d6ae3989f70296)_Cédula apresenta anverso de Mário de Andrade e a esquerda, desenho inspirado em fotografia de sua autoria acompanhada pelo último verso do poema “Eu sou trezentos”. O reverso apresentava cena de Mário de Andrade conversando com crianças, ladeada por prédios da cidade de São Paulo. Autores do projeto gráfico: Júlio Guimarães e Marcelo Mynssen.

²¹ Idem, 2006, p.158

²² Idem, p.159

Diferentemente dos padrões monetários anteriores, a menor moeda a circular no período não foi a de menor valor facial, ou seja, a de 1 cruzeiro. A menor foi a de 100 cruzeiros (Ver fig. 35), cunhada entre 1992 e 1993. Possuía 1,80 cm de diâmetro e pesava 2,39 gramas, fabricada em aço inoxidável. Novamente, com exceção das moedas comemorativas do período, a maior moeda a circular foi a de 5.000 cruzeiros (Ver fig. 35), com 3,10 cm de diâmetro, pesando 9,95 gramas, também fabricadas em aço inoxidável.

Fig. 35 – moeda de 100 cruzeiros e 5000 cruzeiros, 1992

(<http://sites.google.com/site/sagglebrag/moedas-brasileiras/cruzeiro-de-1990-a-1993>)

4.2.3.7. Padrão monetário cruzeiro real (01.08.1993 a 30.06.1994)

Foi o mais breve padrão monetário da história do Brasil. Mesmo assim, nesses onze meses que ficou em circulação, a inflação atingiu 3.673,48²³, possuíamos uma moeda de valor facial de 5.000 cruzeiros e desde a era Vargas, pós 1942, nunca havia circulado uma cédula com valor absoluto tão alto quanto à nota de 500 mil cruzeiros.

²³ Cintra, Torelli, 2006, p.188

O cruzeiro real, nome que lembrava dois antigos padrões monetários brasileiro, passou a vigorar em 1º de agosto de 1993 com três zeros a menos do que o cruzeiro, assim mencionado por Cintra, Torelli:

Breve e pouco eficaz, o cruzeiro real equivalia a mil cruzeiros. Teve como base a resolução 2.010 e a medida provisória 336, de 28 de julho de 1993, além da lei 8.697, publicada quase um mês depois, em 27 de agosto. No rastro de outra explosão inflacionária, a medida provisória 434, de 17 de fevereiro de 1994, estabeleceu a Unidade Real de Valor (URV), uma espécie de moeda paralela sem valor de troca, que era reajustada dia a dia e visava a preparação de uma nova moeda. (2006, p.188)

Três notas foram aproveitadas do padrão monetário anterior, com carimbos identificando seu novo valor. Foram as cédulas de 50.000, 100.000 e 500.000 cruzeiros. Outras três notas foram criadas e circularam no período, sendo elas de 1.000, 5.000 e 50.000 cruzeiros reais (Ver fig. 36). Esta última foi a que menos tempo circulou no Brasil. Vigorou por três meses até que fosse implantado o novo padrão monetário, o real. Sem surpresas, as notas possuíam as mesmas dimensões, 14,0 cm x 6,5 cm.

Fig. 36 - cédula de 50.000 cruzeiros reais. O anverso da nota apresentava a effigie da baiana em composição com objetos típicos: romã, cacho de uvas, figa de madeira, dentes de animais, caju, peixe, cordeiro e pombas do Espírito Santo. O reverso da cédula apresentava cena da baiana com traje de dia de festa, com tabuleiro e preparando o acarajé. Ao fundo, a Igreja do Bonfim em Salvador. Projeto gráfico de Álvaro Martins e Júlio Guimarães.

(<http://universohistoria.blogspot.com/2011/03/historia-do-dinheiro-brasileiro-parte-2.html>)

Quatro moedas foram lançadas no período, sendo elas as de 5, 10, 50 e 100 cruzeiros reais. Possuíam uma diferença de 10 milímetros em seu diâmetro, de uma para a outra. Desta forma, a menor foi a de 5 cruzeiros (Ver fig. 37), com 2,10 cm e a maior, a de 100 cruzeiros com 2,40 cm de diâmetro (Ver fig. 37).

Fig. 37 - moeda de 5 e 100 cruzeiros reais

(<http://www.bcb.gov.br/pre/museu/moedas/Crr94/056.asp?idpai=Crr94>)

4.2.3.8. Padrão monetário real (desde 01.08.1993)

Em julho de 1994, lançou-se o nono padrão monetário da história do Brasil: o real. Simbolicamente, *“é uma moeda de uma geração desacostumada com o fantasma inflacionário. Sua história parte de quatro documentos oficiais: as medidas provisórias 434 (27/02/1994) e 542 (30/06/1994) e as leis 8.880 (27/05/1994) e 9.069 (29/06/1994)”*. (Cintra, Torelli 2006, p.204)

Ao ser adotado como moeda oficial circulante, o real foi responsável por uma revolução: a substituição de todas as notas e moedas vigentes no país do padrão anterior.

Houve duas fases distintas no processo de implantação da nova moeda. A primeira, um ajuste fiscal e a segunda, a criação da URV (Unidade Real de

Valor), “*adotada como um padrão de medida no sistema de preços, operações financeiras, conversão de tarifas e preços públicos, até atingir as políticas monetária e cambial*”. (Idem, p.204)

Foram lançadas seis cédulas nos valores de 1 (Ver fig. 38), 2, 5, 10, 50 e 100 reais. Todas, seguindo o mesmo padrão de tamanho da primeira cédula de 50 cruzados novos, lançada quinze anos antes, de 14,0 cm x 6,5 cm. Recentemente, mais precisamente em 2010, houve a impressão da segunda família de cédulas de real (Ver fig. 39). As primeiras a circular foram as de 100 e 50, lançadas em 2010. A previsão do Banco Central era colocar em circulação as cédulas de 10 e 20 reais em 2011 e as de 2 e 5 reais em 2012. A cédula de 1 real não será mais confeccionada, “*uma vez que, para este valor, o Banco Central vem priorizando a emissão de moedas, que apresentam uma relação custo-benefício muito superior à das notas, em função de sua durabilidade*”. (Fonte: Site do Banco Central do Brasil)

Fig. 38 – cédula de 1 real. O anverso apresenta a efígie simbólica da República e no reverso a gravura de um beija-flor. Projeto gráfico de Álvaro Martins e Marcelo Myssen.
(<http://www.lhamanews.com/geral2.htm>)

As novas cédulas de 2, 5, 10 e 20 reais possuem a mesma altura de 6,5 cm enquanto as notas de 50 e 100 reais possuem altura de 7,0 cm. Para todas, seu comprimento varia 0,7 cm, tendo a cédula de 2 reais o menor tamanho,

12,1 cm e a maior a de 100 reais com 15,6 cm, uma variação de 38,84% entre elas.

Uma das justificativas apontadas pelo Banco Central para a troca das cédulas diz:

O principal motivo é garantir a acessibilidade dos deficientes visuais ao dinheiro brasileiro, oferecendo um recurso confiável para reconhecimento e diferenciação das cédulas. Além disso, a adoção de tamanhos diferenciados inibe a tentativa de falsificação por lavagem química. Além dos tamanhos diferentes, os deficientes visuais também poderão contar com outro recurso para identificar os valores das notas, as marca táteis, que são barras em alto-relevo localizadas no canto direito inferior das notas. [...] o projeto das novas cédulas vem sendo desenvolvido há vários anos pelo Banco Central em parceria com a Casa da Moeda do Brasil – CMB. No entanto, a atualização tecnológica das cédulas dependia da aquisição, pela CMB, de equipamentos de impressão mais modernos, uma vez que a tecnologia utilizada na produção das atuais cédulas data de mais de 30 anos. Esse processo foi concluído em 2010, com a instalação e testes das novas linhas de produção, que permitiram a produção das novas notas com avançados recursos de impressão de segurança. (Fonte: Banco Central do Brasil)

Figura 31 – segunda família de cédulas de real. Fonte: www.bcb.gov.br

Com relação às moedas, do período, a menor foi a de 1 centavo (Ver fig. 39), medindo 1,70 cm de diâmetro e confeccionada em aço revestido de cobre. A maior continua sendo a de 1 real (Ver fig. 39) com 2,70 cm de diâmetro, confeccionada em cuproníquel.

Fig. 39 – moeda de 1 centavo e 1 real. (<http://acordacanine.wordpress.com/>)
(http://numismatica-moedas-cedulas-selos.blogspot.com/2008/08/moedas-comemorativas-de-1-real_25.html)

4.2.3.9. Análise comparativa entre o dinheiro monetário do período apresentado

Das maiores cédulas, produzidas no período imperial, às novas cédulas de real, pode-se identificar uma variação de aproximadamente 195% com relação à nova cédula de 100 reais. (Ver fig. 40)

Fig. 40 – comparação entre cédula produzida em 1854 com as novas cédulas de real, 2011

Fig. 41 – evolução das cédulas ao longo da história do Brasil

Nota-se, pela figura 41, uma redução considerada, mesmo que não constante, das cédulas a partir de 1967. Entre os anos de 1890 e 1942 as notas possuíam tamanhos muito próximos aos atuais talões de cheques (Ver fig. 47), tendo, inclusive, sua altura nominal, maior e que são os balizadores dos tamanhos das carteiras.

A redução posterior a 1942 foi significativa. Seu comprimento foi reduzido de 19,3 cm para 16,3 cm ou, aproximadamente, 16% e sua altura, de 8,9 cm para 7,2 cm ou, aproximadamente, 20%. Exceção feita à cédula de 1970 com aumento tanto no seu comprimento quanto na sua altura, mesmo que pouco significativo.

A cédula de 1000 cruzeiros de 1978 de Aloísio Magalhães apresentou mudanças consistentes de medidas. Se comparada a sua antecessora, houve uma redução aproximada de 10% no seu comprimento e de 7% na sua altura.

A cédula de 50 cruzados novos de 1989 foi a que realmente quebrou paradigmas, iniciando uma nova padronização no tamanho das notas, sendo a menor adquirida no país e que perdurou até o ano de 2010 com o lançamento

4.2.4. Dinheiro monetário na forma de cartão

Não é intenção discorrer a respeito de economia ou mesmo sobre o processo de funcionamento dos cartões de crédito/débito no mercado e sim, apresentar esta forma adquirida pelo dinheiro monetário como um produto, assim como as moedas e as cédulas.

Não apenas de moedas e cédulas monetárias são realizadas as transações monetárias. Com o advento da tecnologia, outras formas foram criadas para facilitar o meio de troca e a circulação do dinheiro monetário, moldando, assim, o objeto de estudo deste trabalho em seu desenho formal, como o conhecemos nos dias de hoje.

Primeiramente, seria interessante localizar, conceitualmente, este produto. Muitos o chamam de “dinheiro de plástico”, mas se faz necessário compreender o sentido da palavra dinheiro. De acordo com o site “conceito. de”,

O dinheiro é um instrumento de pagamento usado nas trocas e possui 3 características básicas: trata-se de um meio de intercâmbio (...), é uma unidade de contabilidade (...), e é uma reserva de valor (...). O valor do dinheiro não é aquele que consta no papel da nota nem no metal da moeda em questão (...). Há de se ter em conta que o dinheiro funciona por um pacto social (é aceito por todos os integrantes da sociedade). (www.conceito.de)

Desta forma, o cartão é apenas um meio de se proteger e armazenar o dinheiro monetário que se encontra na forma de bits eletrônicos e não mais em um produto tangível, como cédulas e moedas, estando às transações limitadas ao universo eletrônico, invisíveis a olho nu. Paradoxalmente, o que se convém chamar de “dinheiro eletrônico” está, conceitualmente, mais próximo da idéia da carteira como produto caracterizado pela guarda, proteção e transporte do dinheiro monetário do que para as suas formas adquiridas, como cédulas e moedas. Adverte-se, assim, que a expressão “dinheiro de plástico” é uma forma errônea quando se trata de nos referirmos aos cartões.

Com relação ao início do uso do cartão, alguns autores creditam ao advogado Frank Macnamara, fundador do Dinners Club Card, a autoria pelo primeiro cartão de crédito, na década de 1950. Essa é uma verdade parcial. Segundo o blog “meusgastos.com.br” :

*(...) a origem do cartão não é muito clara. Há relatos de uso de algum tipo primitivo de cartão de crédito na Europa ainda no século XVIII. (...) Edward Bellamy, em seu romance de 1887, intitulado **Revendo o Futuro**, descreveu pela primeira vez, as transações por cartão de crédito, utilizando desse termo, onze vezes ao longo da obra. (www.meusgastos.com.br)*

Corroborando com estes dados, segue Weatherford, 2005 ao afirmar que:

*Os cartões de crédito foram mencionados na ficção muito antes de passarem a existir na economia do século XX. O conceito foi plenamente desenvolvido em 1888 em um romance utópico do jornalista Edward Bellamy, um proponente dedicado da filosofia populista em sua era. Em sua obra *Looking Backward: 2000-1887*, Bellamy conta a história de um homem que adormeceu em 30 de maio de 1887, e acordou 113 anos e 4 meses mais tarde, em 30 de setembro do ano 2000. (...) Em uma percepção anacrônica do passado, os americanos ainda falavam em termos de dólares e centavos, mas não circulavam notas e moedas. Em vez disso, eles ajustavam as contas por meio de “cartões de crédito de papelão (...). (p. 230)*

Apesar da vanguarda européia, foi nos Estados Unidos, por volta dos anos de 1920, que o embrião do conceito de cartão de crédito, como conhecemos hoje, surgiu. Segundo Castro:

Algumas redes hoteleiras e empresas produtoras de combustível criaram o hoje chamado cartão de credenciamento (cartões personalizados fornecidos por determinado estabelecimento aos seus clientes), permitindo que estes utilizassem o cartão fornecido como forma de pagamento, quitando a fatura no prazo concedido – 30 a 40 dias. (p.3)

Em 1921, a Western Union, empresa americana de telégrafos e transferência de dinheiro, começou a emitir cartões, em papel, para alguns de seus clientes pagarem pelos serviços prestados.

Somente em 1950 é que surge o primeiro cartão de crédito universal, ou seja, que pudesse ser utilizado em diferentes estabelecimentos. Foi lançada pela Dinners Club Card, empresa fundada então por Frank Macnamara, que viu potencial de pagar a restaurantes a crédito, após não conseguir pagar sua própria conta e a de convidados um ano antes, por ter se esquecido de levar a carteira. O dono do restaurante aceitou que seu cliente fizesse o pagamento no dia seguinte, mediante a assinatura de Macnamara na conta de despesas.

Lançado no mesmo ano, o Dinners Club Card era aceito em 27 restaurantes dos Estados Unidos e possuía aproximadamente 200 clientes que utilizavam do serviço para o pagamento de despesas de viagem. Com este sistema, a empresa cobrava uma taxa anual e enviava contas mensais ou anuais dos gastos efetuados.

Os primeiros cartões eram feitos de papel (Ver fig. 44) com o nome do cliente de um lado e do outro, o nome dos estabelecimentos que o aceitavam. Em 1952 foi emitido o primeiro cartão de crédito internacional, aceito principalmente em hotéis e restaurantes e a partir do ano de 1955, passou a ser confeccionado em plástico. Dez anos depois do seu lançamento, o cartão de crédito já era aceito em mais de 50 países.

Segundo definição de Weatherford, 2005 a respeito do funcionamento do cartão de crédito:

O cartão de crédito isentou de restrições temporárias permitindo que as pessoas usassem o dinheiro que elas ainda não haviam ganho ou recebido, mas que esperavam receber em uma data posterior. (p. 232)

Fig. 44 – primeira versão do cartão Diners em 1950 feito de papel. Fonte: <http://www.fraudes.org/showpage1.asp?pg=106>

Fig. 45 – primeira versão do cartão Amex em 1958 (American Express Company) Fonte: <http://www.fraudes.org/showpage1.asp?pg=106>

No Brasil, seu lançamento ocorreu em 1956 e era aceito em alguns restaurantes seletos. A princípio era um cartão de compras, o que requeria o pagamento integral da fatura e não um cartão de crédito. Somente em 1968 seria emitido o primeiro cartão de crédito brasileiro, através do banco Bradesco, que funcionava como representante da bandeira Visa.

Com relação às medidas dos cartões, eles possuem tamanhos e forma padronizados, seguindo a métrica estabelecida pelo padrão do ISO 7810 no formato ID-1 que é geralmente utilizado para cartões de operação bancária (crédito e débito). Seu tamanho é de 85,60 milímetros por 53,98 milímetros e

essa proporção é aproximadamente a proporção áurea²⁴ de 1.618:1. Possui espessura de 0,76 milímetro e os cantos arredondam-se em um raio de 3,18 milímetros. (Ver fig. 46)

Fig. 46 – O formato ID-1 especifica um tamanho 85.60 x 53.98 milímetros (3.370 x 2.125 dentro). É usado geralmente para cartões de operação bancária. Possui espessura de 0.76 milímetro e os cantos arredondaram-se com um raio de 3.18 milímetros. Fonte:

http://www.multilingualarchive.com/ma/enwiki/pt/ISO_7810

4.2.5. Dinheiro monetário na forma de talão de cheque

Apesar de alguns especialistas afirmarem que os romanos poderiam ser os prováveis inventores do cheque, por volta de 352 a.C., como conceito moderno, seu aparecimento somente pode ter ocorrido após a criação dos Bancos de depósito pelos Templários no século XII e a sua conseqüente evolução por

²⁴ A proporção áurea, número de ouro, número áureo ou proporção de ouro é uma constante real algébrica irracional denotada pela letra grega Φ (PHI), em homenagem ao escultor Phideas (Fídias), que a teria utilizado para conceber o Parthenon, e com o valor arredondado a três casas decimais de 1,618. Também é chamada de seção áurea (do latim *sectio aurea*), razão áurea, razão de ouro, média e extrema razão (Euclides), divina proporção, divina seção (do latim *sectio divina*), proporção em extrema razão, divisão de extrema razão ou áurea excelência. O número de ouro é ainda freqüentemente chamado razão de Phidias.

parte das famílias ricas de Pisa, Florença, Gênova, entre outras, no século XIV, através da criação dos *cambium per letras*.

Segundo Weatherford, 2005, a respeito das letras de câmbio como as precursoras do moderno sistema de cheques,

As letras de câmbio, em outras palavras, eram rápidas de transportar e protegiam todos os envolvidos na transação. Apesar do custo extra de 8 a 12%, uma letra ainda apresentava custo inferior ao de contratar uma escolta armada para uma embarcação de barras ou moedas de ouro e prata. As letras de câmbio ajudaram a livrar o dinheiro de suas limitações espaciais. (p. 78)

As instituições bancárias ou banco de depósito, “(...) dedicavam-se a guardar em depósito os cabedais de seus clientes e (...) expediam certificados que conferiam ao cliente o direito de dispor, para si ou para outrem, do dinheiro depositado”.²⁵

Assim como não existe consenso com relação ao seu surgimento, o nome dado a essa forma adquirida pelo dinheiro monetário também é motivo de controvérsias. Segundo o site do Banco Central do Brasil:

Enquanto os franceses atribuem a origem da palavra cheque ao vocábulo inglês to check – “verificar”, “conferir” – os ingleses sustentam que a palavra é originária do Francês echequier que significa “tabuleiro de xadrez”. Segundo os ingleses, as mesas usadas pelos banqueiros tinham a forma de um tabuleiro de xadrez, daí o seu nome. www.bcb.gov.br

A primeira referência ao cheque, no Brasil, ainda segundo o site do Banco Central do Brasil:

(...) apareceu em 1845, quando se fundou o Banco Comercial da Bahia, mas mesmo assim, sob a denominação de cautela. Só em 1893, pela Lei 149-B,

²⁵ www.newton.freitas.nom.br/artigos

surgiu a primeira citação referente ao cheque, no seu Art. 16, letra a, vindo o instituto a ser regulamentado pelo decreto 2.591, de 7 de Agosto de 1912. (www.bcb.gov.br)

Com relação às medidas do talão de cheques, seguem dois exemplos de épocas distintas, com diferença de quase 20 anos entre eles. O primeiro, de 1993, (Ver fig. 47) apresenta comprimento de 22,8 cm por 7,9 cm de altura enquanto a segunda figura, de 2012, (Ver fig. 47) apresenta 21,7 cm por 7,6 cm, respectivamente. Nota-se, neste caso, uma variação de quase 1,0 centímetro no comprimento enquanto que na sua altura, houve uma redução de 3 milímetros.

Fig. 47 – talão de cheques – fonte: arquivo pessoal do autor

4.2.6. Documentos pessoais portados em carteiras

Ao longo da pesquisa, alguns pontos surgiram e mudaram percepções pré-concebidas do início do trabalho, não apenas das alterações ocorridas ou não no artefato ao longo da história, mas também, a respeito de quais elementos ajudaram a moldar a carteira masculina de bolso, além do dinheiro monetário.

Não apenas de dinheiro monetário como cédulas, moedas e cartões de crédito se limita o uso do objeto de estudo. Os documentos pessoais também foram e são importantes e até que ponto, determinantes para o seu formato atual. Esse capítulo não tem a pretensão de fazer uma catalogação desses documentos ao longo da história recente do Brasil, mas sim, apresentar alguns exemplares, analisando-os e inserindo-os no universo da pesquisa.

Apesar de ter sido criado em 1907 por Edgard Costa e sendo dele o documento **RG** de número 1, segundo Salete Del Mas em entrevista concedida em Novembro de 2012 (entrevista completa no anexo 1), *“o RG não era uma coisa tão importante de se usar. As pessoas não tinham RG nos anos 50/60. A carteira de trabalho era um documento até mais importante que o RG. (...) era um documento moral.”*

Existe, assim, um elemento comportamental identificado por diferentes tipos e tamanhos de documentos pessoais que, ao longo do tempo, foi responsável, inclusive, pelo desenho interno e tamanho externo das carteiras masculinas de bolso. Ainda, de acordo com Del Mas:

(...) nos anos 50/60 muito pouca gente tinha esses documentos (RG e CPF) e a carteira de trabalho era um documento importante (...) as pessoas não andavam com a carteira de trabalho mas quando (...) iam a algum lugar e pediam documento, era a carteira de trabalho. (...) o RG não era tão popular (...) a adaptação da carteira (...) se deu (...) não apenas pelo dinheiro, mas pelos documentos também. Anexo 7.1

A seguir, serão apresentados alguns documentos pessoais, caracterizado por épocas distintas com análises sobre sua evolução tanto material, suas características, quanto dimensionais.

Fig. 48 – RG de 1960. Tamanho de 8,5 cm x 6,4 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Fig. 49 – RG de 1969. Tamanho de 8,5 cm x 6,4 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Nota-se, nestes documentos da década de 60 (Ver fig. 48 e 49), informações suprimidas pelos exemplares do final da década de 70 (Ver fig. 50). Traziam no corpo, informações sobre a cor da pele e a cor dos olhos, herança dos primeiros documentos do início do século XX que continham descrição detalhada do sujeito, mas não possuía fotos. Nos nove anos que separam um exemplar de outro, não foram constatadas alterações dimensionais. Ambos os documentos possuem 8,5 cm de comprimento por 6,4 cm de altura.

Fig. 50 – RG de 1979. Tamanho de 10,0 cm x 7,0 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Em dez anos, de 1969 a 1979, data da expedição do documento acima (Ver fig. 50), algumas questões importantes a respeito das novas informações. Somem do corpo do documento as informações sobre a cor da pele bem como a cor dos olhos. O tamanho da cédula de identidade também se altera. Passa a ter 10,0 centímetros de comprimento por 7,0 centímetros de altura, ou seja, ficaram aproximadamente 17% maior em comprimento e 9% em altura, resultando em uma área 28% maior.

Fig. 51 – RG de 1989. Tamanho de 10,2 cm x 7,1 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

As alterações nos dez anos subseqüentes, de 1979 a 1989 não são significativas. Seu comprimento passou de 10 para 10,2 centímetros enquanto a sua altura variou apenas 1 milímetro para mais. (Ver fig. 51)

Fig. 52 – RG de 2007. Tamanho de 10,5 cm x 7,0 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

O último exemplo (Ver fig. 52) possui uma diferença entre emissões de quase vinte anos para a figura 51. Seu comprimento, apesar da pouca diferença, volta a crescer. Passa dos 10,2 para 10,5 centímetros enquanto sua altura permanece praticamente a mesma, em 7 centímetros.

Fig. 53 – Análise comparativa entre os tamanhos dos documentos ao longo de quase 50 anos. Nota-se uma variação, entre 1960 a 2007, de 23,5% no comprimento do RG, passando de 8,5 cm de comprimento para 10,5, enquanto sua altura variou em 9,3%, de 6,4 cm para 7,0 cm

Com relação ao documento conhecido como CPF, cadastro de pessoas físicas, as alterações também foram muito significativas, tanto nas suas dimensões quanto em termos de materiais na sua confecção. Em meados das décadas de 70/80, o documento possuía 8,7 cm de comprimento por 5,4 cm de altura (Ver fig. 54)

Fig. 54 – CPF da década de 1970/80. Tamanho de 8,7 cm x 5,4 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Fig. 55 – CPF da década do final da década de 80. Tamanho de 10,4 cm x 7,2 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

No final da década de 1980 (Ver fig. 55), houve um aumento nas dimensões do documento, passando a ter 10,4 cm de comprimento por 7,2 cm de altura, uma variação considerada de aproximadamente 19,5% e 33% respectivamente ou quase 60% em termos de área.

Em meado dos anos de 1990 (Ver fig. 56), houve novamente uma reformulação nas dimensões do CPF, reduzindo significativamente seu tamanho em comparação ao final da década anterior e um pouco maior que aqueles lançados nas décadas de 1970/80 (Ver fig. 54 e 55).

Fig. 56 – CPF de 1996. Tamanho de 9,3 cm x 5,8 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Fig. 57 – CPF de 2010. Tamanho de 8,5 cm x 5,4 cm – fonte: arquivo pessoal do autor

Os anos 2000 presenciariam outro tipo de material para o documento (Ver fig. 57). Assim como os cartões de crédito, o documento CPF foi confeccionado em plástico, tendo suas dimensões muito próximas do documento em circulação nas décadas de 1970/1980, possuindo 8,5 cm de comprimento por 5,4 cm de altura.

Fig. 58 – Análise comparativa entre os tamanhos dos documentos. Nota-se um padrão maior no tamanho do documento do final dos anos de 1980 com relação aos de outras épocas

Um dos documentos mais importantes citados por Salete Del Mas foi a carteira de trabalho. Segundo ela, “quando pediam documento, era a carteira de trabalho.” Anexo 7.1

Segundo um breve levantamento, o documento permaneceu inalterado entre as décadas de 1960 e 1990 (Ver fig. 59 e 60), tendo seu tamanho em 13 cm de altura por 9 cm de largura. A única mudança detectada nesse período refere-se ao seu acabamento, sua capa, que era confeccionada em couro e que apresenta, na última década do século XX, papel azul plastificado.

Fig. 59 – carteira de trabalho de 1962 – fonte: arquivo pessoal do autor

Fig. 60 – carteira de trabalho de 1994 – fonte: arquivo pessoal do autor

Apesar de mencionado e apresentado neste trabalho, parece ser pouco provável o uso da carteira de trabalho no dia a dia das pessoas e utilizando do objeto de estudo como instrumento de guarda e transporte. Desta forma, é possível afirmar, categoricamente, que este documento não apresenta influências nas características formais da carteira masculina de bolso.

O último documento a ser abordado é a Carteira Nacional de Habilitação, obrigatório no universo das carteiras masculinas de bolso. De acordo com o site “brasil.gov.br”,

A Carteira Nacional de Habilitação (CNH) atesta que o cidadão brasileiro está apto a conduzir veículos. O porte é obrigatório para quem está dirigindo. O modelo atual de CNH possui fotografia da pessoa, o número da Carteira de Identidade (RG) e do Cadastro de Pessoa Física (CPF). Assim, a CNH pode ser utilizada para identificação em todo território nacional. (Fonte: www.brasil.gov.br)

A seguir, serão apresentadas algumas imagens de carteiras de habilitação. Uma das dificuldades encontradas para tal levantamento refere-se à necessidade da troca do documento antigo pelo novo, no ato da renovação.

Fig. 61 – carteira nacional de habilitação do Estado da Guanabara de 1960. Não foi possível aferir suas dimensões – fonte: autoentusiastas.blogspot.com

Fig. 62 – carteira nacional de habilitação de 1994. Tamanho de 10,2 cm x 6,8 cm – Fonte: arquivo pessoal do autor

A Carteira Nacional de Habilitação, da figura 62, foi emitida entre os anos de 1981 e 1994 e não possuíam fotos e nem tinham validade como documento. Somente no final dos anos de 1990 ou no início dos anos 2000, é que um novo modelo foi emitido, trazendo informações como números de RG e CPF, filiação e foto, características importantes resgatadas dos antigos documentos da década de 60 (Ver fig. 61).

A partir desse momento, esse novo documento passou a substituir todos os outros na carteira masculina, sendo, inclusive, seu tamanho, mais próximo aos cartões de crédito.

Desta forma, as novas carteiras de habilitação passaram a ser 16% menores no comprimento e 11% na altura, resultando em uma área 36% menor que as antigas.

Fig. 64 – carteira nacional de habilitação de 2009. Tamanho de 8,5 cm x 6,0 cm – Fonte: arquivo pessoal do autor

Fig. 65 – Análise comparativa entre as CNHs da década de 1980 com as novas dos anos 2000. Tamanho 36% menor se comparada com a antiga

4.2.6.1. Análise comparativa entre documentos pessoais e as cédulas de dinheiro

Fig. 66 – análise comparativa entre as cédulas do período Cruzeiro (1942-1967) com cédula de identidade de 1960. Nota-se, exceção feita a cédula de 500, pouca diferença entre a altura do documento com as cédulas do período.

Fig. 67 – análise comparativa entre as cédulas do período Cruzeiro Novo (1967-1970) com cédula de identidade de 1969. Nota-se uma diferença maior entre a altura do documento com a cédula de 10.000.

Fig. 68 – análise comparativa entre as cédulas do período Cruzeiro (1970-1986) com cédula de identidade de 1979 e CIC dos anos 70/80. Nota-se uma aproximação maior da altura do RG com a maioria das cédulas do período, inclusive, sendo 3 milímetros maior que a nota de 1 cruzeiro

Fig. 69 – análise comparativa entre as cédulas do período Cruzado (1986-1989) e Cruzado Novo (1989-1990) e Cruzeiro (1990-1993) com cédula de identidade de 1989 e carteira de habilitação confeccionada entre 1981 e 1994. Nota-se que, pela primeira vez, os documentos mais importantes portados na carteira, são maiores que as cédulas do padrão vigente (cruzado

novo 1989/90) Desta forma, os documentos poderiam ser os novos balizadores para o tamanho da carteira, fato esse descartado, pela existência dos talões de cheques.

Fig. 70 – análise comparativa entre as cédulas do período Real (1993-atual) com cédula de identidade de 2007, carteira nacional de habilitação de 2009 e CPFs de 2010 e 1996 respectivamente. Nota-se uma redução significativa no tamanho dos documentos, com especial atenção a CNH dos anos 2000 que passa a substituir todos os outros no interior da carteira.

4.2.6.2. Modelos de carteiras

A seguir, serão apresentados modelos de carteiras masculinas de bolso compreendendo o período entre os anos de 1968 a 1976. Todas foram adquiridas e fotografadas na escola SENAI Maria Angélica Vicente de Azevedo Franceschini, da cidade de São Paulo, em visita ao local em 15 de janeiro de 2013, sendo as datações confirmadas pelo diretor da escola, Renato Daracdjian.

Fig. 71 – carteira de 1968. TAM. 12,8 cm x 9,6 cm

A figura 71 apresenta uma carteira de couro preto relax masculina de bolso com anagrama em couro costurado. Possui espaço para dois cartões de um lado e mais dois do outro. Possui espaço para talão de cheque e apenas um plástico para porta documento.

Fig. 72 – carteira de 1970. Nota-se, no canto inferior direito interno da carteira, a marca Cartier. TAM. 12,0 cm x 9,0 cm

A carteira da figura 72 é feita em couro marrom com cantoneira dourada e símbolo em auto-relevo. A empresa fabricante, *Lazco*, era autorizada pela *Cartier* a produzir e comercializar no país. A parte interna possui visor para documento ou foto de família à esquerda, moedeiro, porta talão de cheques e porta cédulas.

Fig. 73 – carteira de 1974. TAM. 11,7 cm x 9,0 cm

Carteira da metade da década de 1970 (fig. 73) apresentava-se em couro marrom e possuía espaço interno para cartões em ambos os lados mais uma lapela para cartões na vertical e dois espaços para cédulas.

Fig. 74 – carteira de 1976. TAM. 12,3 cm x 9,5 cm

A figura 74 apresenta uma carteira marrom fina com detalhe em couro de crocodilo e aplicação de cantoneira dourada. Sua parte interna possui espaço para um documento, porta cheque e cédulas.

De acordo com Salete Del Mas, em entrevista realizada em Novembro de 2012, da década de 1980 em diante o tamanho da carteira se manteve praticamente

o mesmo e o molde é o mesmo para carteira com e sem porta cheques. Há uma padronização externa dos tamanhos das carteiras (...). Anexo 7.1

A seguir, será apresentada uma comparação entre o tamanho das carteiras ao longo dos anos, até sua padronização na década de 1980.

Fig. 75 – padronização no tamanho das carteiras após a década de 1980. (Fonte: www.tabacarialee.com)

Fig. 76 – comparação entre os tamanhos das carteiras. Nota-se uma redução no comprimento delas, do início do século (desenho representativo a partir da descrição no item 4.1.0.2 deste trabalho) até a primeira metade da década de 1970. A partir desse momento há um aumento, tanto no comprimento quanto na altura. Com relação a essa última, houve uma variação

considerada ao longo dos anos, de aproximadamente 10%, estando sempre entre 9,0 cm e 10,0 cm.

4.2.6.3. Considerações sobre a carteira, o dinheiro e os documentos

As figuras a seguir apresentam, de forma objetiva e clara, os resultados obtidos ao longo do capítulo, sendo que, algumas considerações se fazem necessárias.

Em primeiro lugar, um olhar mais atento as comparações realizadas, por décadas, a partir de 1960 a respeito do tamanho das carteiras, das formas adquiridas pelo dinheiro monetário bem como pelos documentos pessoais portados nesse objeto de estudo, elucidará algumas questões suscitadas ao longo da pesquisa.

Fig. 77 – comparação entre a carteira, a cédula e a identidade na década de 1960

Com relação à carteira masculina de bolso da década de 1960, é importante observar um dimensionamento além das reais necessidades envolvidas tão somente para conter cédulas e documento. Nota-se um comprimento 36%

maior ou 9 centímetros entre a carteira e a maior cédula do período, uma vez que as dimensões do documento em nada interferiram no tamanho do objeto. Talvez, uma das hipóteses prováveis para tal estranhamento esteja no fato da usabilidade do artefato, da necessidade de conforto e de facilidade do ato de acessar as notas de dinheiro.

Fig. 78 – comparação entre a carteira, o dinheiro monetário e o documento da década de 1970

A década seguinte apresenta uma redução nas dimensões da carteira mesmo com o aumento do tamanho da maior cédula em circulação. Seu comprimento, que na década anterior correspondia a 36% ou 9 centímetros, passa para 30% ou 7 centímetros em termos absolutos. Ao longo desses anos, a tendência é a redução no tamanho das cédulas, tanto no comprimento quanto na sua altura. O RG passa a ter um aumento significativo, tendo, inclusive, altura maior que algumas cédulas.

Fig. 79 – comparação entre a carteira, a cédula, o cheque e os documentos da década de 1990

O que deveria ser uma tendência, na década de 1980, com a contínua redução no tamanho da carteira orientada por cédulas e documentos, não se confirmou. De acordo com entrevista realizada com a Sra. Salete Del Mas a respeito do porta talão de cheques nas carteiras dos anos 1980,

(...) foi nesse momento que as pessoas passaram a ter acesso ao cheque, que também era uma coisa muito elitizada. (...) Depois da capanga, mais anos 70 a carteira talão de cheques, aquela que vai com o talão aberto, não aquela dobrada, isso se deu nos anos 80. As pessoas deixaram de usar a capanga para usar a carteira porta talão de cheques. Anexo 7.1

Com a popularização do uso do talão de cheques, a indústria precisou adaptar o tamanho da carteira a essa nova necessidade das pessoas. Seu comprimento aumentou em torno de 10% enquanto manteve-se sua altura. Estava criado o novo padrão de carteiras nacionais. Ainda segundo Del Mas a respeito desse novo tamanho,

O molde é o mesmo para carteira com e sem porta cheques. Há uma padronização externa dos tamanhos das carteiras, só que interna você pode mudar (...). Essa padronização se dá pelo tamanho dos cheques, cartões,

dinheiro. (...) nessa carteira (apresenta um modelo) não tem cheque, mas mantenho o mesmo padrão. Anexo 7.1

Pela primeira vez na história, mais precisamente no ano de 1989, os documentos se tornam, em altura, maiores que as cédulas dos padrões monetários vigentes até o ano de 2010.

Fig. 80 – comparação entre a carteira, a cédula, o cheque e documento, do final da década de 1990, início dos anos 2000

Nas décadas de 1990 e 2000, o padrão para o tamanho da carteira permanece igual, mesmo com a pequena redução no tamanho do talão de cheque. Com o advento do Real e a estabilidade da economia, surge um novo hábito entre a população: a utilização de cartão de crédito e débito como formas de pagamento. Ela ainda não é capaz de alterar o externo das carteiras, apenas seu desenho interno.

Outro fator importante é o uso de apenas um documento pessoal em substituição a todos anteriores, de uso obrigatório. A nova Carteira Nacional de

Habilitação, lançada no final dos anos de 1990 e com tamanho próximo ao do cartão de crédito, ou seja, menor que o RG e que a antiga CNH, aposentou todos os outros documentos sendo, inclusive, o único atualmente a ser portado em uma carteira masculina de bolso.

4.2.7. Manufatura da carteira

4.2.7.1 Considerações Preliminares

A aplicação do uso do couro na confecção de carteiras pode ser apresentada em dois pontos básicos que ajudam a justificar sua utilização:

1º: o conhecimento adquirido pelo homem ao longo da história. Seu uso remete ao antigo Egito, três mil anos antes de Cristo. Babilônios e Hebreus já utilizavam o processo de curtimento das peles, assim como os antigos Gregos;

2º: é um material resistente, maleável e impermeável. Possui tato agradável e mantém sua forma original quando esticado. Absorve o vapor de água sem ressecar.

4.2.7.2. O couro

O couro bovino é o mais utilizado pela indústria automobilística, moveleira e também de vestuário e acessórios, em todo o mundo, localizando o objeto de estudo deste trabalho de mestrado, nesta última grande área.

Um dos motivos para seu uso, em larga escala, refere-se ao preço mais baixo se comparado a outros tipos de couro, consequência da posição de destaque que o Brasil ocupa por deter um dos maiores rebanhos bovinos do mundo.

Segundo Hoinachi, Moreira e Kiefer, *o couro constitui a pele do animal preservada da putrefação por processos denominados de curtimento e que a*

tornam flexível e macia. (Hoinachi, Moreira e Kiefer apud Dresch, Giacomolli, 2009, p.1). Ainda segundo os autores,

A transformação das peles em couro implica a passagem das mesmas por uma série de processos e operações, realizadas em etapas (...) sendo que são denominadas (...) operações as etapas puramente mecânicas e as demais etapas chamamos de processos. (2009 p.1)

O couro bovino compõe-se de duas partes distintas: a flor e a carnal. A primeira é a parte externa do couro, submetida a tratamentos especiais antes do uso. A segunda refere-se à parte interna, fibrosa. Recebe tratamento para substituir a flor, em certos casos. O material é considerado de boa qualidade quando apresenta fibras consistentes, elasticidade, boa aparência e facilidade na manipulação.

Pode-se classificar o material em partes principais e secundárias. A divisão, tradicional, é apresentada na figura 81.

Fig. 81 – divisão do couro. Fonte: www.sinacouro.org.br

O couro bovino também é classificado quanto a sua qualidade, que envolve diferentes variáveis, como controle de parasitas e formas adequadas de identificação, confinamento e transporte de animais. De acordo com Pacheco:

A partir do seu abate, deve-se evitar que suas peles degradem-se por ação de microorganismos, para que seu processamento seja eficiente e se obtenha couros de qualidade. Isto se obtém por meio de manuseio, conservação e armazenamento adequados das peles. (2005, p. 16-17)

Segundo o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas, sua classificação está assim descrita:

Classificação 1ª e 2ª: couros livres de defeitos naturais de manejo (parasitas, escoriações, transporte, entre outros), marcação de fogo abaixo da linha da barriga ou na cara;

Classificação 3ª e 4ª: couros com incidência de carrapatos. Não apresenta defeitos abertos (riscos profundos, marcação de fogo profunda, entre outros) e com marcação de fogo na área abaixo da linha da barriga ou na cara;

Classificação 5ª: couros com pequena incidência de carrapatos. Pode apresentar, também, algumas escoriações cicatrizadas e riscos leves com marcação de fogo na área da linha da barriga;

Classificação 6ª: couros com incidência de carrapatos. Alguns riscos mais fundos, escoriações cicatrizadas até duas marcações por fogo, desde que não estejam fora da área nobre do couro, algumas marcas de berne, já cicatrizadas, além de marcas causadas pela mosca do chifre;

Classificação 7ª ou refugo: couros infestados de carrapatos, bernes abertos, escoriações profundas, riscos profundos, marcação de fogo sem critérios, atingindo a área nobre do couro. (www.respostatecnica.org.br)

O processo de transformação das peles, como observado por Pacheco, é normalmente dividido em três etapas principais, conhecidas por *ribeira, curtimento e acabamento* (2005, p.18). O fluxograma (ver figura 82) apresenta um panorama mais abrangente do processo envolvido na transformação das peles em couro.

Fig. 82 – fluxograma de transformação da pele em couro. (Fonte: Centro Tecnológico do couro em Dresch, Giacomolli, 2009 p.2)

4.2.7.3. Etapas de processamento

4.2.7.3.1. Etapa de ribeira

Esta etapa tem, por objetivo, remover da pele dos animais, diferentes estruturas e substâncias que não irão compor os couros, *assim como preparar sua matriz de fibras cologênicas (...) para reagir adequadamente com os produtos químicos das etapas seguintes, o curtimento e o couro.* (Pacheco, 2005 p.18) Para Hoinacki, Moreira e Kiefer, (...) *na depilação é eliminado o sistema epidérmico, no descarte é retirada a camada hipodérmica, ao passo que da derme é removido o material interfibrilar.* (Hoinacki, Moreira e Kiefer Abud Dresch, Giacomolli, 2009 p.3)

Desta forma, a pele fica com a camada da derme que será transformada em couro na próxima etapa.

Após esta etapa de limpeza, iniciam-se os processos e operações em fulões²⁶, de pré-molho, remolho, depilação, lavagens, descarte e divisão, momento, este, que se caracteriza pelos tratamentos químicos dados a pele, bem como alguns procedimentos de lavagem com água. Na sequência, as outras etapas de ribeira são físico-mecânicas, como observado por Pacheco:

(...) realizadas manualmente e em máquinas específicas, onde, basicamente, procura-se remover fisicamente impurezas aderidas à superfície interna das peles, como gorduras, carnes e apêndices (...) e fazer alguns ajustes nas extremidades das peles. (2005, p.19)

Na sequência, separam-se as peles em duas camadas: a parte mais nobre, ou flor, e a raspa, ou carnal. Como apresentado por Pacheco, *está última pode seguir processamento, como a flor, produzindo-se couro para aplicações*

²⁶ Cilindros horizontais fechados, normalmente de madeira, dotados de dispositivos para rotação em torno de seu eixo horizontal, com porta na superfície lateral para carga e descarga das peles.

secundárias ou pode, simplesmente, ser um subproduto, normalmente vendido para terceiros. (2005, p.20)

4.2.7.3.2. Etapa de curtimento

Segundo Pacheco, o curtimento *é um processo que consiste na transformação das peles, pré-tratadas na ribeira, em materiais estáveis e imputrescíveis* (2005, p.21). Esta estabilização ocorre em razão da utilização de agentes curtentes, sendo, o sulfato básico de cromo o mais utilizado no Brasil, atualmente. Os couros processados com este curtente são denominados *Wet-Blue*.

O processo de curtimento pode ser dividido em três tipos: mineral, vegetal e sintético.

O curtimento mineral é o mais comum, devido à rapidez e à qualidade que confere ao couro, e tem por base o sulfato básico de cromo (em estado trivalente). O curtimento vegetal é feito com uso de taninos e aplica-se à produção de couro para solas e outros tipos especiais. O curtimento sintético, feito com formol, quinona e outras substâncias, é muito caro e, por isso, é usado como processo auxiliar, pois aumenta a penetração dos outros curtentes. (Matsuzaki Apud Ganem, 2010, p.2)

Os processos que se seguem preparam o couro para a etapa final ou acabamento. As peles passam por operações de enxugamento, classificação, rebaixamento e recorte, na preparação do couro *wet-blue*. Na seqüência, na etapa de acabamento molhado, ocorrem às operações de lavagem, recurtimento, desacidulação, tingimento, engraxe e a fixação. Após estes processos, o couro passa, finalmente, para a etapa de secagem. De acordo com Dresch, Giacomolli, é nessa etapa que:

A secagem é o processo de desidratação das peles para que os produtos químicos usados no recurtimento, tingimento e engraxe se “catalisem” de forma eficaz, fornecendo as características desejadas aos artigos como “enchimento”,

“maciez” e a cor certa. Pode ser feito no secador aéreo, vácuo, estufa, toggiling (2009, p.4)

Na etapa de pré-acabamento, ocorrem os processos de recondicionamento, amaciamento, estaqueamento, estuco, lixamento e desempoamento. A partir deste momento, tem-se o couro semi-acabado ou “crust”, que por definição:

(...) já foi submetido a todas as operações de pré-acabamento, estando pronto para receber acabamento. Muitas vezes estes couros são comercializados sob está forma, podendo estes serem adaptados a qualquer artigo passando novamente por processos de reidratação, recurtimento, neutralização, tingimento e engraxe. (Corrêa Apud Dresch, Giacomolli, 2009, p.4)

4.2.7.3.3. Etapa de acabamento

Segundo Dresch, Giacomolli, o acabamento é o *processo de cobertura dos couros através da pintura com máquinas que podem ser a “pigmentadora de rolos” ou então as “pistolas pneumáticas” (2009, p.4).* Tem-se, assim, a finalidade de *melhorar o aspecto do couro e atender às especificações do produto final, resistências físico-mecânicas, físicoquímica e microbiológica, maciez e toque do artigo (...).* (Moreira e Teixeira apud Matsuzaki 2010, p.3)

Nesta etapa, o couro recebe produtos químicos específicos, sendo os mais comuns a anilina, o semi-anilina e o acabamento pigmentado. O primeiro responde ao couro de qualidade mais elevada, deixando seu estado natural e puro, sem qualquer cor. O segundo apresenta o couro completamente tingido com uma pequena camada de tinta que cobre os menores defeitos da superfície. O terceiro acabamento possui uma camada colorida com pigmentos opacos o que garante uma aparência uniforme, resistência ao enfraquecimento e esconde todo e qualquer defeito nas peles.

4.2.7.4. Processo de confecção da carteira masculina de bolso

O processo de confecção de uma carteira masculina de bolso envolve um grupo de pessoas, cada qual com uma função pré-determinada na cadeia de produção, levando, em média, aproximadamente de 30 a 40 minutos.

Segundo Del Mas, 2007 a respeito da modelagem de carteiras:

Na modelagem de carteira deve-se considerar (...) o tamanho das cédulas, dos cartões, dos documentos, do talão de cheques e as respectivas espessuras. A carteira ideal é aquela que satisfaz as necessidades dos consumidores, acompanhando suas mudanças de hábitos. (...) uma tendência é tamanho menor especialmente na linha masculina. (p.2)

Segundo a autora, em entrevista concedida em Novembro de 2012, na cidade de Bento Gonçalves, *o processo de produção não mudou muito. As peças são feitas em cartolina (...) no mínimo umas 35, 40 peças para compor (...) ela é feita como um quebra cabeças (...) e depois se manda fazer as facas. (Anexo 7.1)*

Para a modelagem, a carteira é dividida em duas partes: a interna chamada de miolo e a externa, conhecida por carta ou capa. Com relação às partes internas de uma carteira masculina, *devem ser menores que a capa, dependendo do modelo, a parte interna muda de tamanho. (Del Mas, 2007 p.3)*

Para compor o miolo, devem-se levar em consideração os principais padrões de medidas que nela se encontrará, como talão de cheques, cédulas e documentos. Ele *se adapta em função da necessidade (...) não adianta fazer uma carteira que não atenda a essência dela, que não caiba o dinheiro, os documentos (...). (Anexo 7.1)*

Já a carta ou capa é mais livre para se utilizar como um suporte gráfico a ser explorado com mais liberdade, seja em função de uma costura diferente, um couro fora do padrão ou mesmo com a utilização de cores e desenhos.

Com relação ao seu tamanho, da década de 1980 em diante, segundo Del Mas, não houve alterações formais do artefato, *o molde é o mesmo para carteiras com e sem porta cheques. Há uma padronização externa dos tamanhos das carteiras (...). Essa padronização se dá pelo tamanho dos cheques, cartões e dinheiro. (Anexo 7.1)*

A seguir, será apresentado o processo de confecção da carteira masculina de bolso, seguindo a didática da Escola SENAI Giuseppe Fasolo, de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.

Para iniciar o processo de confecção de uma carteira masculina de bolso é necessário, primeiramente, após a definição do modelo, elaborar os moldes, cada qual representando uma parte do produto.

De acordo com o site da Sinacouro, *os moldes podem ser de papelão, chapas galvanizadas ou de aço. Os de papelão são mais apropriados a cortes manuais (...). Periodicamente, este tipo de molde deve ser substituído porque devido ao uso, ele acaba apresentando deformações. (www.sinacouro.org.br)*

Existe, ainda, o molde confeccionado em aço, próprio para cortes mecânicos. Esse molde, segundo a Sinacouro:

(...) apresenta vantagem em relação ao molde de papelão (...). As peças cortadas mecanicamente apresentam corte mais exato proporcionando perfeita semelhança entre peças cortadas e moldes. Entretanto, os moldes de aço são de custo alto sendo empregados quando se visa atingir elevada produtividade de um mesmo modelo. (www.sinacouro.org.br)

Segundo o exemplo do SENAI de Bento Gonçalves, os moldes são apresentados em cartolina e, a seguir, no processo de montagem da carteira

masculina de bolso, a elaboração das facas de corte, necessárias para o corte e forma das peças de couro realizadas na máquina chamada balancim. Após o corte, o couro é nivelado e levado para uma segunda máquina conhecida como chanfro que realizará o rebaixo da peça apenas nas bordas. Uma terceira máquina criará o vinco necessário para facilitar a dobra dessas áreas. Após esses processos, as peças são encaminhadas para a montagem e costura estando o produto pronto após, aproximadamente, trinta a quarenta minutos.

5. Capítulo Conclusão

O presente trabalho objetivou, de maneira sistemática, iniciar um estudo sob uma ótica até então inédita, no campo do design de produto, com o intuito de resgatar e compreender o significado do artefato dessa pesquisa, utilizando de informações pertinentes obtidas nos campos da história, da moda, da etimologia e também, do próprio design.

De acordo com o que foi apresentado, primeiramente, este trabalho aponta, sem margem para dúvidas, que o surgimento do objeto carteira se deu ainda no século XVIII, com a clara e objetiva função de proteger e transportar cartas. O próprio significado da palavra corrobora para isso, sendo descrito como porta cartas.

O momento que o objeto se tornou porta dinheiro não foi contemplado nessa pesquisa, mas nem por isso se transformou em um hiato conceitual. Sabe-se, que as primeiras cédulas ou letras de câmbio pareciam muito, em tamanho, com cartas dobradas. Para que seu uso fosse adaptado para o que conhecemos nos dias de hoje, foi uma questão de tempo.

Assim, diferentemente do que apontam alguns autores que colocam o artefato de estudo como um acessório dentro do campo da moda e mesmo apontando-o como um elemento evolutivo da bolsa feminina, este trabalho sugere a inclusão do artefato no campo do design de produto e a sua retirada do campo da moda, por tudo o que foi apresentado a respeito da sua história social, suas funções e suas qualidades ao longo de quase 300 anos de evolução.

Ao longo da pesquisa, procurou-se por algumas alterações formais no artefato durante o período estudado que pudessem ser atribuídas às formas adquiridas pelo dinheiro monetário durante as diferentes épocas que o estudo foi direcionado.

Como questão fundamental norteadora, o trabalho se propunha a identificar características físicas e formais, tanto da carteira masculina quanto do dinheiro monetário do início do século XX aos dias de hoje. O trabalho realizado não alcançou, durante a pesquisa, exemplares físicos do objeto de estudo anteriores a 1960, impossibilitando o cruzamento de dados das informações pertinentes e, conseqüentemente, privando o período de uma análise conclusiva.

Desta forma, pode-se afirmar que este projeto de pesquisa foi elaborado no período posterior àquela data, revelando o que antes eram especulações e suposições em dados concretos de análise, consolidando, de maneira objetiva, as informações à respeito do objeto de estudo.

Sendo assim, por todas as informações coletadas, este trabalho conclui que as carteiras masculinas de bolso possuem dois universos paralelos e distintos entre si, de modo que a alteração em um deles define diretamente questões formais do outro. Esses universos que, no todo compõe a carteira, são identificados como sendo o exterior e o interior.

Ao primeiro, dá-se o nome de carta ou capa. Com poucas alterações formais ao longo da história estudada, ela é o resultado final, em termos dimensionais, da estruturação da parte interna, conhecida como miolo. Essa, por sua vez, é o reflexo das necessidades pessoais de um coletivo, balizada por hábitos e costumes alteradas ao longo do tempo por uma sociedade ainda tradicional e arraigada quanto aos usos e maneiras de se utilizar as diferentes formas adquiridas pelo dinheiro monetário como meios de pagamento.

No início do século XX, as grandes cédulas eram as referências para as medidas de carteiras. Em um segundo momento, mais precisamente no final da década de 1960, início da década de 1970, com a disseminação e popularização do uso do talão de cheques, este foi o responsável pela nova padronização do tamanho do artefato, de modo que essas dimensões adquiridas perduram até os dias de hoje. Diferentemente do que havia se pensado, os documentos nunca foram elementos determinantes para balizar as

medidas do objeto deste estudo, tanto no comprimento quanto, principalmente, na sua altura, assim como também não foram as moedas metálicas e mais recentemente, os cartões.

Deste modo, verificou-se que o miolo de uma carteira se adapta de acordo com as alterações de usos e costumes da sociedade, por ser, claramente, o elemento de função e que o externo acompanha essas mudanças no que tange às questões dimensionais.

Com a popularização e a facilidade de acesso aos cartões e a conseqüente redução no uso dos talões de cheque, ao longo da primeira década dos anos 2000, as carteiras tendem a adquirir tamanhos menores, com os miolos adequados ao uso apenas de cartões e cédulas. Estas dimensões adequaram-se ao novo tipo de vida de uma sociedade em transição, em que a praticidade e a objetividade, bem como as questões de segurança envolvidas no cotidiano, são os elementos centrais.

6. Capítulo Referências

6.1. Referência bibliográfica

BARBUY, Heloisa. *A cidade exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. Edusp.

BÜRDEK, Bernhard E. *História, teoria e prática do design de produtos*. Tradução de Freddy Van Camp. São Paulo. Edgard Blücher, 2006.

BRUNO, Ernani Silva. *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira*. Edusp.

BRUM, Rosemary Fritsch. *Caderno de pesquisa: notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937*.

Banco Central do Brasil. *Iconografia do meio circulante do Brasil*. Brasília, 1972.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo. SENAC São Paulo, 2008.

CALLAN, Georgina O'Hara. *Enciclopédia da Moda de 1840 à década de 90*. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho, Maria Ignez França. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

CASTILHO, Kathia. *Discursos da moda: semiótica, design e corpo*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. São Paulo. Edgard Blücher, 2004.

CINTRA, André; TORELLI, Renato. *Histórias que o dinheiro conta*. São Paulo. Lumus, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1982.

DRESCH, Aline; GIACOMOLLI, Gerusa. *Processo de curtimento e acabamento em couro*. Estância Velha, RS, 2009. SENAI-RS.

JOHNSON, Anna. *Handbags: the Power of the purse*. Hong Kong: Workman Publishing Company, Inc, 2002.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e crítico da filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Rio de Janeiro. Paula Brito, impressor da Casa Imperial, 1855.

MATSUZAKI, Wagner Tetsuya. *Processamento de couro*. Serviço Brasileiro de respostas técnicas. Rede de tecnologia do Rio de Janeiro, 2010

MISES, Ludwig Von. *Ação Humana*. Instituto Ludwig Von Mises. Brasil. 3ª edição, 2010.

MOREIRA, Marina Vergílio; TEIXEIRA, Regina Cánovas. *Estado da arte tecnológico em processamento de couro*. Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://wwwapp.sistemafiergs.org.br/portal/page/portal/sfiergs_senai_uos/senairs_uo697/proximos_cursos/Livro%20processamento%20couro.pdf. Acessado em 13. out.2011.

PACHECO, J.W.F. *Curtumes*. São Paulo: CETESB. 2005. Série P+L. Disponível em: http://www.cetesb.sp.gov.br/Tecnologia/producao_limpa/documentos/curtumes.pdf. Acessado em 22.set.2011.

SABINO, Marco. *Dicionário da moda*. Rio de Janeiro. Elsevier, 2007.

SILVA JUNIOR, Amaury Fernandes da. *Uma Etnografia do Dinheiro: os projetos gráficos de papel moeda no Brasil após 1960*. Tese – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

VIARO, Mario Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo. Globo, 2004.

WEATHERFORD, J. McIver. *A história do dinheiro*. Tradução de June Camargo. Rio de Janeiro. Elsevier, 2005.

WILCOX, Claire. *A century of bags: 100 icons of style*. Book Sales, 1997.

ZSCHIRNT, Christiane. *Tudo o que você não pode deixar de ler*. Tradução de Cláudia Abeling; prefácio Dietrich Schwanitz. São Paulo. Globo, 2006

Biblioteca familiar e Recreativa, nº 1 Vol. V. Lisboa. Imprensa Nevesiana, 1836.

Contos Nacionales. Imprensa União, 1884.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

Revista Litteraria: periódico de litteratura, philosophia, viagens, etc. Vol. 12. Porto: typografia de revista, 1845.

Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. *Fluxograma do beneficiamento de peles e couros*. SENAI RS/ Centro Tecnológico do Couro. 2009. Disponível em: www.respostatecnica.org.br. Acessado em 22. set.2011.

Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas. Dossiê Técnico: *Modelagem de Carteiras*. SENAI RS/ SENAI Giuseppe Fasolo, 2007. Disponível em www.sbrt.ibict.br. Acessado em 22. set. 2011.

6.2. Referências de blogs

aminhacolecao-nicha.blogspot.com. Acessado em 20.ago.2011

autoentusiastas.blogspot.com. Acessado em 15.set.2012

brasind.blogspot.com. Acessado em 20.ago.2011

sites.google.com. Acessado em 20.ago.2001

rogiolincknumismata.blogspot.com. Acessado em 21.ago.2011

universohistoria.blogspot.com. Acessado em 21.ago.2011

cedulasdomundo.blogspot.com. Acessado em 20.ago.2011

numismata-moedas-cedulas-selos.blogspot.com. Acessado em 21.ago.2011

6.3. Referências de sites

www.acordacanine.de.worldpress.com. Acessado em 02.set.2011

www.angelicoins.com. Acessado em 02.set.2011

www.bcb.gov.br. Acessado em 02.set.2011

www.colnet.com. Acessado em 20. ago.2011

www.conceito.de/dinheiro. Acessado em 05.mai.2012

www.ebay.com. Acessado em 14.ago.2011

www.fraudes.org. Acessado em 13.set.2012

www.ilhamanews.com. Acessado em 19.ago.2011

www.img.inkfrog.com. Acessado em 17.ago.2011

www.meusgastos.com.br. Acessado em 05.mai.2012

www.moedasdobrasil.com.br. Acessado em 21.ago.2011

www.mrcolecoes.com.br. Acessado em 02.set.2011

www.multilingualarchives.com. Acessado em 12.set.2012

www.newton.freitas.nom.br. Acessado em 15.set.2012

www.pictime.com.br. Acessado em 21.ago.2011

www.produtos.mercadolivre.com.br. Acessado em 21.ago.2011

www.portaldascolecoes.com.br. Acessado em 04.set.2011

www.portalsaofrancisco.com.br. Acessado em 02.set.2011

www.sinacouro.org.br. Acessado em 08.mar.2011

www.tabacarialee.com. Acessado em 04.02.2013

7. Anexos

7.1. Texto com a íntegra da entrevista com a Sra. Salete Del Mas

Entrevista realizada em Novembro de 2012 no SENAI Giuseppe Fasolo, na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, gravada em celular Samsung. Apesar de ser uma entrevista para o projeto de pesquisa, a conversa transcorreu em clima descontraído e desta forma, não será apresentada a transcrição na íntegra e sim, em partes que realmente farão sentido ao trabalho.

Não foi o dinheiro que mudou em função da carteira?

Não, a carteira que mudou em função do dinheiro e do comportamento também, com certeza. Não só pelo dinheiro mas pelo comportamento. Do externo, de fora para dentro da carteira.

Então, na verdade, a indústria se adaptou a essas alterações?

O interno, a indústria sempre se adaptou a essas alterações. A carteira masculina se utiliza no bolso. Tem uma área pequena.

Quando você começou a trabalhar na indústria?

Comecei a trabalhar na indústria em 1982. Estávamos no Cruzeiro, antes do Cruzado. Pelo que se estuda também, os tamanhos, se usava sim, na década de 70, ainda se tinha isso, da carteira não ser propriamente, só que carteira de bolso. Se usava aquele tipo capanga. O homem não usava uma pasta ou uma carteira, mas sim uma capanga. Era uma peça grande, onde se botava seus documentos, seu dinheiro e também tinha carteira de bolso que era de uma forma muito mais simples que ela só tinha uma divisão pêra dinheiro mesmo e para porta documento que era o RG. E também o RG não era uma coisa tão importante de se usar. As pessoas não tinham RG. Anos 50/60 a carteira de trabalho era um documento até mais importante que o RG.

Mas as pessoas andavam com a carteira de trabalho?

Não que andavam. Mas quando as pessoas iam a um lugar e pediam documento, era a carteira de trabalho. Não tinha RG e nem CPF. Nos dias de

hoje, crianças, adolescentes já tem RG, CPF. Mas nos anos 50/60 muito pouca gente tinham esses documentos e a carteira de trabalho era um documento importante, por isso da capanga. Inclusive, nos anos 70/80/90, a carteira de habilitação era muito grande e depois ela diminuiu para esse tamanho. O próprio CPF era grande e mudou para esse cartãozinho. O RG que não mudou. O RG não era tão popular. As pessoas não faziam RG. Era certidão de nascimento e carteira de trabalho. A adaptação da carteira não apenas pelo dinheiro, mas também pelos documentos também. Por isso que se usava a carteira grande como porta carta mesmo, capanga. A capanga seria anos 50/60/70.

Então é bem provável que a carteira masculina de bolso não tivesse esse formato?

Não. Mas a popularização desta carteira se deu nos anos 70/80 neste formato que usamos hoje.

Nesse tempo que você trabalhou na indústria nos anos 80, já existiam aqueles *slots* para cartão?

Existia sim. Não era tão, com tanta divisão. Não se dava tanta importância para o cartão como se da hoje. Nos anos 80, que coubesse o RG, o título de eleitor, a carteira de motorista e o CPF, aquele maior. Você tinha o cartão de crédito, mas era para uma classe bem mais elitizada. As pessoas recebiam o salário da empresa por cheque até o fim dos anos 80. Você não tinha cartão. O cheque não era tão popular nos anos 70. Você recebia em dinheiro. Nos anos 80 se popularizou o cheque. Você recebia um cheque nominal, ia ao banco e descontava. Talão de cheque ficou muito forte no final dos anos 80, início dos 90, porque o cheque era uma coisa que não se tinha tanto acesso. Final dos anos 80, meados dos anos 90, era exigência a carteira ter espaço para talão de cheques. O modelo principal que tivesse talão de cheque. As pessoas passaram a usar muito cheque na carteira.

É tão incomodo você ter o talão de cheques na carteira...

Hoje é impossível. Esse modelo de carteira (aponta para a minha carteira pessoal com espaço para talão de cheques, cartões, cédulas e moedas) foi a

que mais vendeu durante muito tempo. Na empresa era o carro chefe. Desde o final dos anos 70 já existiam esse porta documento de plástico. Apareceu em função dos documentos. A carteira contempla sempre documento e moeda. É uma coisa que anda junta, em paralelo.

Só voltando de novo na questão do cartão de crédito...ele começou no Brasil na década de 50, muito elitizado...existiam essas carteiras para as elites? Você poderia falar que existiam carteiras específicas para essa classe nas décadas de 50/60?

Existia sim. O que se fazia...essa carteira para a elite...era um couro de pelica, o couro mais nobre, pelica, cabra, bezerro...ao invés de usar interno de tecido de forro, usava inteiro couro. Não se tinha tanto lugar para cartão, mas tinha lugar sim, uns três cartões.

Você percebeu alguma alteração nos desenhos das carteiras durante o período de 1980 para cá?

Não, alteração no desenho não. O que ela se alterou? A carteira tem 2 componentes: o miolo e a carta. O miolo se adapta em função da necessidade, do utilitário. A carta você pode usar como acessório de moda: desenho, costura, couro, cor... (Utilização como suporte. Frase minha). Interna ela já é mais tradicional. Claro, tem alguns recursos mais interessantes como um botão diferente, uma lapela. É um utilitário mas que você pode também criar, tem design. Tem "N" formas de se fazer uma niqueleira, com zíper, com bolso que abre mais ou bolso que abre menos. Não dá para dizer que não tem design e que não tem um conceito de moda. É claro que tem. Ela é um utilitário. Ela se da em formato em função da necessidade que vem de fora. Não adianta fazer uma carteira que não atenda a essência dela, que não caiba o dinheiro, o RG...é uma coisa que anda em paralelo. Você tem que fazer esse utilitário ser um acessório de moda. Acompanha tendências de cores, couro...

O homem já é mais conservador, não?

O brasileiro é mega conservador. Eu acho que o grande boom do mercado da moda não vai ser a bolsa feminina não. Será a carteira masculina. A carteira, no geral, no exterior, é pior que no Brasil.

Pior em que sentido?

Pior assim, ela é mais stanq. O que tem na carteira? Porta documento e uma lapela mais colocar a identidade, principalmente na Europa. Aqui a gente coloca algo a mais. Os americanos são mais ousados, tem mais desenhos, zíper. O europeu é extremamente básico. Uma carteira masculina européia é extremamente básica. Muda o couro, muda alguma coisa na capa, mas o miolo de dentro é praticamente o mesmo. Cartão, cartão e uma lapela para colocar documento. O tamanho por fora? É grande, porque a cédula de euro é grande.

Mas e aqui no Brasil, da década de 80 para cá, o tamanho da carteira se manteve?

Sim, se manteve. Veio a tendência da carteira menor para dinheiro e cartão de crédito, mas o tamanho se manteve. Nesse caso específico das carteiras menores para sair por segurança, para sair à noite. Vendeu muito nos últimos anos e ela era menor no tamanho também.

Mas seria uma carteira mais elitizada essa carteira também?

Não, não. É tipo assim: uma carteira básica mesmo por que você não usa mais tanta coisa na carteira para sair. Mesmo por questão de segurança. Não vou sair com todos os meus documentos. Nos anos 70/80 a gente usava carteirão assim porque você não tinha problema de violência. Hoje você sai mais com o básico. A carteira de motorista substituiu o RG, o CPF. Existe desde os anos 2000 a carteira menor. Porta cédula e documento apenas. Atendendo a outras empresas pelo SENAI, existe a tendência por essas carteiras menores que agora balançou de novo, porque as notas ficaram maiores de novo, mas você não vai sair com uma nota de R\$ 100,00. Você sai com o cartão.

O comportamento influenciando na modelagem, no interno, por conta da violência, da praticidade, o cartão...isso é ano 2000. Nenhuma empresa hoje paga os funcionários se não tiver cartão.

Você falou da popularização da carteira nos anos 70, anos 80. O porta talão de cheques na década de 80 foi realmente na década de 80 que se inseriu o porta talão de cheques ou foi antes disso?

Acho que já tinha. Mas foi nesse momento que as pessoas passaram a ter acesso ao cheque, que também era uma coisa muito elitizada. Não achei nem o porquê do tamanho do cheque. – Por conta dos americanos.

Então a nossa carteira também teve de se adaptar ao tamanho do cheque?

Sim, essa carteira porta cheque é uma evolução da antiga capanga. Os homens usavam muito. Depois da capanga, mais anos 70 e a carteira talão de cheques, aquela que vai com o talão aberto, não aquela dobrada, isso se deu nos anos 80. As pessoas deixaram de usar a capanga para usar a carteira porta talão de cheques.

Qual a diferença visual?

A capanga é uma peça maior com tampa e a carteira com talão de cheques é um tri-fold e o cheque ficava na horizontal.

E aí tem o porta moedas. Quando surgiu na carteira?

Eu não tenho esse dado histórico. Vou dar pela minha experiência. Na década de 70 as pessoas usavam uma peça chamada niqueleira, não usava na carteira a moeda. O plano cruzado (86/89) quando começou a diminuir a inflação, voltou a niqueleira. No período 1970 – 1993/94 não se dava importância (a moeda). O porta moeda sumiu de dentro da carteira. Não fazia sentido porque as moedas não valiam nada. E aí ela retornou com o plano Real, forte, não apenas dentro da carteira, com a niqueleira também. Se fortificou no Plano Real. No período de 1994 as pessoas passaram a acreditar na estabilidade da economia. Além das pessoas pedirem dentro da carteira e niqueleira também. Homem não usa muito niqueleira, mas mulher usa. Homem joga (as moedas) no bolso da calça.

Você poderia afirmar que é uma questão de tempo para esse porta moedas sumir da carteira masculina?

Acho que sumir não, porque sempre haverá pessoas conservadoras mas será uma parte muito pequena, vai representar muito pouco (da produção) uns

2% ,3%. Tem toda uma tendência da simplificação da carteira masculina. Da particidade. A evolução tende a praticidade, a simplificação da carteira.

Com relação ao processo fabril, muito foi alterado ou não?

A carteira é muito trabalhosa para se desenvolver. Para se montar uma carteira, deve-se ter, no mínimo, umas 35, 40 peças para compor entre forro...ela é feita como um quebra-cabeça, toda montadinha. O processo de produção não mudou muito. As peças são feitas em cartolina, depois se manda fazer as facas. O que evoluiu....do processo de desenho manual para o desenho em CAD e em uma ploter que vai cortar a cartolina automaticamente. Mas para desenhar no CAD precisa conhecer o processo de modelagem de carteira.

Você não falou de porta cheque nessa carteira. O tamanho dela é igual a esse?

O molde é o mesmo para carteira com e sem porta cheques. Há uma padronização externa dos tamanhos das carteiras só que interna você pode mudar. Pode-se alterar o tamanho do externo mas essa variação será muito pouco. Essa padronização se dá pelo tamanho dos cheques, cartões, dinheiro. Se eu quiser fazer uma carteira apenas para cartão e dinheiro, eu consigo fazer menor, não apenas em função do cheque mas do RG também. Nessa carteira não tem cheque mas mantenho o mesmo padrão porque consigo adaptar o cheque dobrado e o RG com o mesmo tamanho.

O tamanho de uma carteira não se dá apenas pelo dinheiro monetário e sim, também, pelo RG. Por isso que não dá para a carteira ser muito menor também. Por causa do tamanho do documento.

A carteira não é moda e não é acessório de moda. Ela é um utilitário com uma função clara e específica.